

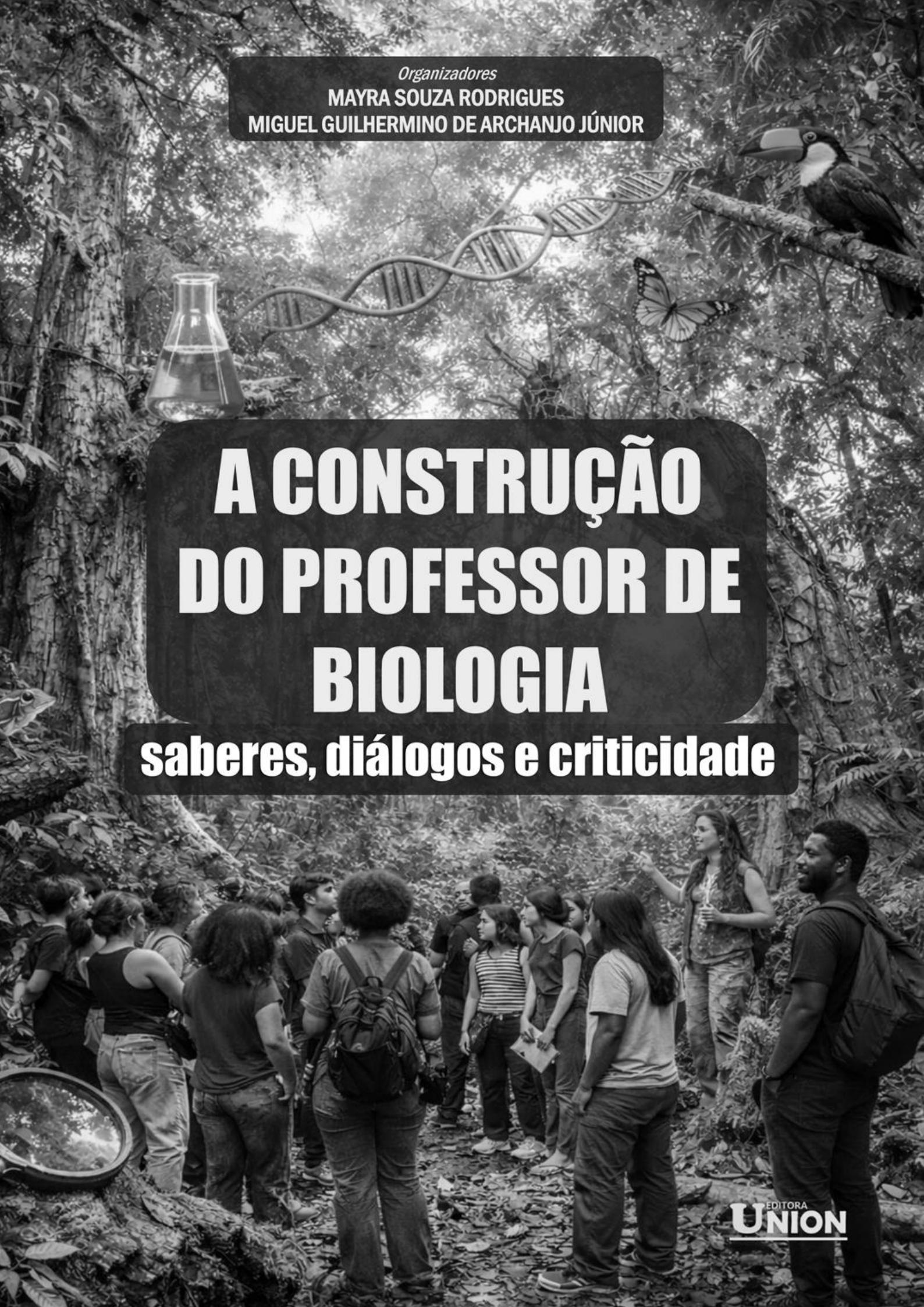
Organizadores
MAYRA SOUZA RODRIGUES
MIGUEL GUILHERMINO DE ARCHANJO JÚNIOR

A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA

saberes, diálogos e criticidade

EDITORA
UNION

Organizadores
MAYRA SOUZA RODRIGUES
MIGUEL GUILHERMINO DE ARCHANJO JÚNIOR



A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA

saberes, diálogos e criticidade

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Organizadores

Miguel Guilhermino de Archanjo Júnior

Mayra Souza Rodrigues

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Union

Revisão: Respectivos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A construção do Professor de Biologia: saberes, diálogos e criticidade

A669a / Miguel Guilhermino de Archanjo Júnior; Mayra Souza Rodrigues (organizadores). – Formiga (MG): Editora Union, 2026. 88 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84885-56-1

DOI: 10.29327/5768843

1. Professores e atividades relacionadas. 2. Ciências naturais / Biologia. I. Archanjo Júnior, Miguel Guilhermino de. II. Rodrigues, Mayra Souza. III. Título.

CDD: 371.1

CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.editoraunion.com.br/2026/01/a-construcao-do-professor-de-biologia.html>



A construção do Professor de Biologia: saberes, diálogos e criticidade

Ilhéus-BA, 2026

Agradecimentos

Este livro é fruto de um processo coletivo de construção, diálogo e aprendizado, marcado por encontros, escutas, reflexões e vivências que ultrapassam os limites da sala de aula. Sua concretização só foi possível graças ao empenho, à sensibilidade e ao compromisso de muitas pessoas e instituições que acreditam na educação como prática de transformação social.

Agradecemos, primeiramente, à **Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)**, espaço formativo que acolhe, inspira e possibilita a formação crítica de futuros professores e professoras de Biologia, fortalecendo o ensino, a pesquisa e a extensão como pilares indissociáveis do fazer universitário.

Nosso profundo agradecimento ao **professor Miguel Guilhermino de Archanjo Junior**, pela orientação ética, sensível e comprometida com uma educação humanizadora. Sua condução na disciplina *As Bases da Identidade Docente* foi fundamental para provocar reflexões, estimular o pensamento crítico e incentivar a escrita coletiva como instrumento de formação e emancipação. Sua postura dialogada e freiriana marcou significativamente o percurso formativo dos(as) licenciandos(as) envolvidos(as) nesta obra.

Aos **licenciandos e licenciandas em Ciências Biológicas**, autores e autoras deste livro, nosso reconhecimento pelo engajamento, pela responsabilidade coletiva e pela coragem de refletir criticamente sobre a docência ainda nos primeiros passos da formação inicial. Cada texto aqui apresentado carrega vivências, inquietações, escutas e esperanças que revelam o compromisso com uma educação pública de qualidade, inclusiva e socialmente referenciada.

Aos **professores da Educação Básica e do Ensino Superior**, bem como aos estudantes que gentilmente contribuíram com entrevistas e relatos, agradecemos pela disponibilidade, pelas partilhas de experiências e pelas reflexões que enriqueceram significativamente as discussões apresentadas ao longo dos capítulos.

Agradecemos também às **famílias, amigos e pessoas queridas** dos(as) autores(as), que, direta ou indiretamente, ofereceram apoio, incentivo e compreensão durante o percurso acadêmico, reconhecendo os desafios e a importância da escolha pela docência.

*A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA:
saberes, diálogos e criticidade*

Por fim, agradecemos a todos e todas que acreditam na educação como ato político, ético e transformador. Que esta obra possa contribuir para o fortalecimento da formação inicial de professores de Biologia e para a construção de práticas educativas comprometidas com o diálogo, a criticidade, a diversidade e a esperança.

Organizadores



Miguel Guilhermino de Archanjo Júnior

Doutor em Educação Científica e Formação de Professores pelo PPGECFP-UESB/Jequié-BA; Mestre em Educação em Ciências no PPGECM-UESC; Licenciado em Ciências Biológicas pela UESC/Ilhéus-BA; Docente no Departamento de Ciências Biológicas – Ensino de Biologia – UESC e Docente também PPGECM-UESC.

Mayra Souza Rodrigues

Licencianda em Ciências Biológicas pela UESC/Ilhéus-BA, neta de professora e apaixonada pela docência desde a infância. Dedica-se ao estudo da Biologia e acredita na educação como ferramenta de transformação e formação crítica.

Autores

Agnes Victória de Oliveira Santos

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: avosantos.lbi@uesc.br

Alisson Crizanton Alves Lima

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: acalima.lbi@uesc.br

Alissya Moreno Costa

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: amcosta.lbi@uesc.br

Ana Luísa Antunes de Almeida

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: alaalmeida.lbi@uesc.br

Kelry Jaíny Café Lecio Santos

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: kjclsantos.lbi@uesc.br

Láisa Araújo Oliveira

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: laoliveira.lbi@uesc.br

Mayra Souza Rodrigues

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: msrodrigues.lbi@uesc.br

Maria Luiza Santos Ferreira

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: mlsferreira.ibi@uesc.br

*A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA:
saberes, diálogos e criticidade*

Ana Luíza Silva Brasil

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: alsbrasil.lbi@uesc.br

Ândria Conceição dos Reis

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: acreis.lbi@uesc.br

Armando Borges Pinto

Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: abpinto.lbi@uesc.br

Brendha Oliveira Leandro

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: boleandro.lbi@uesc.br

Eduarda Raminy Moreno dos Santos

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: ermsantos.lbi@uesc.br

Gabriele Pereira dos Santos

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: gpsantos1.lbi@uesc.br

Isabela Heloise da Silva

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: ihsilva.lbi@uesc.br

Isabele de Jesus Santos

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: ijsantos.lbi@uesc.br

Julia da Silva Naide

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: jsnaide.lbi@uesc.br

Rebeca dos Anjos Sena Silva

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: rassilva.lbi@uesc.br

Roberty Kauê Costa Cerqueira

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: rkccerqueira.lbi@uesc.br

Ruan Brito França Lau

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: ruan.12.rbl@gmail.com

Sara Drielly da Silva Araújo

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: sdsaraujo.lbi@uesc.br

Vanessa dos Santos Silva

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: vssilva.lbi@uesc.br

Sérgio Liberato dos Santos Júnior

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: slsantos.bio@uesc.br

Wesley Silva Santos

Graduando em licenciatura em Ciências Biológicas
Instituição acadêmica: Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: wssantos.lbi@uesc.br

Epígrafe



Apresentação

A obra **A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA: saberes, diálogos e criticidade**, organizada pelo educador e pesquisador Miguel Archanjo e pela Licencianda em Ciências Biológicas Mayra Souza Rodrigues, se constitui em um esforço científico dos licenciandos e licenciandas em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Os/As autores/as são estudantes ingressantes da turma do primeiro semestre em 2025.2, no referido curso de graduação, do turno noturno. Matriculados na disciplina nominada “As Bases da Identidade Docente”, ministrada pelo educador aqui mencionado, sistematizaram a escrita dos capítulos, de forma coletiva e colaborativa, sobre os temas relacionados à construção da Identidade Docente do Professor de Biologia.

A escrita surgiu ao reunir informações a partir dos estudos realizados durante o semestre, sobre alguns textos de autoria de pesquisadores que discutem a formação inicial de professores e Identidade Docente, como exemplos: Andreia Mendes dos Santos e Renata Santos da Silva; Carolina Kiyoko Mellini; Olgaíses Cabral Maués; José Contreras; Carlos Marcelo; Cristina Antunes; Bernardete A. Gatti; António da Nóvoa; Selma Garrido Pimenta, Miriam Krasilchick, dentre outros, no sentido de compreender o conceito, a constituição e as características Identidade Docente, sobretudo no campo da Biologia.

Além disso, foram realizadas outras atividades didáticas visando compreender qual o perfil de Identidade Docente presente no curso de licenciatura em Biologia da UESC e suas contribuições na formação dos licenciandos. Para isso, foi proposta a realização de entrevistas semiestruturadas a alguns professores da área de ensino em Biologia da UESC, bem como aos licenciandos do mesmo curso. Ainda, os presentes autores também realizaram outras entrevistas aos professores de Biologia da Educação Básica e aos estudantes, na tentativa de compreender os diversos perfis de professores e suas contribuições na formação cidadã no contexto atual.

Os textos que compõem essa obra remetem a reflexões acerca dos relatos das vivências docentes e discentes, dos seus saberes, das suas experiências formativas e dos desafios da sociedade moderna presentes nas aulas de Biologia. Esses aspectos sinalizam a construção do “ser professor” em uma perspectiva crítico-reflexiva, ao passo que evidenciam a urgência do fortalecimento da formação inicial aderente às questões sociais,

políticas, históricas, plurais e culturais dos espaços educacionais, principalmente dos professores de Biologia. Assim, a construção do professor precisa ser atravessada pela diversidade e por uma educação dialógica, problematizadora, humanista, humanizadora e transformadora, fundamentada nos princípios freirianos.

As autoras - Ana Luíza Silva Brasil, Alissya Moreno Costa, Isabela Heloise da Silva, Isabele de Jesus Santos e Sara Drielly da Silva Araújo, no Capítulo I, apresentam a **Trajetória reconhecedora da Identidade do Educador Brasileiro**, texto que traduz a construção da identidade docente, que teve como influência diversos fatores históricos, políticos e sociais. No começo, ligado a uma vocação religiosa, passando por diversas transformações como a feminização, a desvalorização salarial, a expansão do ensino, mudanças econômicas, contradições entre a valorização da educação e a desvalorização material e simbólica do professor, perda de autonomia e proletarização.

O Capítulo II, **A Alma do Ofício: Tensões e Conflitos da Identidade Docente**, de autoria de Alisson Crizaton, Vanessa dos Santos e Roberty Cerqueira, oferece contribuições para a construção do professor, ao passo que explicitam diversos elementos que compõem a identidade docente no contexto contemporâneo. Assim, os autores buscam destacar tanto os desafios estruturais quanto as dimensões humanas que atravessam o trabalho do professor, sinalizando que a escolha pela docência costuma nascer de vivências pessoais marcantes, do gosto pelo ato de ensinar e do desejo de contribuir para transformações sociais significativas.

No Capítulo III, intitulado **A Voz dos Alunos: o Professor como Inspiração e Caminho de Conhecimento**, Ruan Brito França Lau, Kelry Jaíny Café Lecio Santos, Sérgio Liberato Dos Santos Júnior, Laisa Araujo Oliveira e Rebeca dos Anjos Sena Silva apresentam resultados das entrevistas realizadas com os professores da Educação Básica, buscando identificar as principais barreiras que impedem os alunos de compreenderem e se interessarem pelos estudos, especificamente na área de Biologia.

Semelhantemente, no Capítulo IV, **Do Ensino Básico ao Superior: Percepções Sobre o Ensino de Ciências Biológicas e a Formação Docente**, os autores Alisson Crizanton Alves Lima, Kelry Jaíny Café Lecio Santos, Laisa Araujo Oliveira, Rebeca dos Anjos Sena Silva, Roberty Kauê Costa Cerqueira, Ruan Brito França Lau, Sérgio Liberato dos Santos Júnior e Vanessa dos Santos Silva apresentam as percepções sobre o ensino em sala de aula, especialmente no que diz respeito ao aprendizado em Ciências Biológicas, a partir das visões que estudantes da educação básica e superior constroem sobre seus

professores.

Já o Capítulo V, intitulado **Espaços Não Formais e suas possibilidades para o processo de aprendizagem**, de autoria de Brendha Oliveira Leandro, Eduarda Raminy Moreno dos Santos, Gabriele Pereira dos Santos, Maria Luiza Santos Ferreira, Raissa Paixão dos Santos e Wesley Silva Santos, abre uma produtiva discussão acerca do tema os Espaços não formais como possibilidades de ensino de Biologia. Os autores apontam que esses espaços podem ser aproveitados como importantes cenários de vivência, observação e construção espontânea de conhecimentos, pois possuem a capacidade de ampliar o repertório cultural e sensorial dos estudantes.

No Capítulo VI, Agnes Victória de Oliveira Santos, Ândria Conceição dos Reis, Armando Borges Pinto, Julia da Silva Naide e Mayra Souza Rodrigues discutem sobre os **Primeiros passos no planejamento: descobrindo a docência em Biologia**, sinalizando que a experiência docente demanda estudo, planejamento e capacidade de adaptação às situações reais de sala de aula. As autoras explicitam que, a proposta de elaboração de plano de aula possibilita que os estudantes licenciandos vivenciem os desafios genuínos do cotidiano escolar, podendo compreender de forma abrangente o papel do professor como mediador.

O livro é um convite para pensar os saberes e fazeres docentes que respeitem as diferenças sociais, culturais e políticas do cotidiano do estudante, num movimento interativo e articulado para além dos muros das instituições de ensino, visibilizando o universo da formação inicial do professor/a de Biologia e promovendo uma Educação emancipatória.

Assim, convido à leitura do livro todas as pessoas interessadas nos estudos sobre a formação inicial de professor, sobretudo dos professores de Biologia, voltando o olhar reflexivo e crítico para as realidades, as demandas atuais, as políticas educacionais e para as possibilidades de promoção do desenvolvimento de professores crítico-reflexivos, visando um caminho de inovação, transformação e emancipação no ensino de Biologia.

Miguel Guilhermino de Archanjo Junior

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Professor do Departamento de Ciências Biológicas – DCB e do Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática -PPGECM -

UESC

E-mail: mgarchanjo@uesc.br

Sumário

Capítulo 1 TRAJETÓRIA RECONHECEDORA DA IDENTIDADE DO EDUCADOR BRASILEIRO <i>Ana Luiza Silva Brasil; Alissya Moreno Costa; Isabela Heloise da Silva; Isabele de Jesus Santos; Sara Drielly da Silva Araújo</i>	15
Capítulo 2 A ALMA DO OFÍCIO: TENSÕES E CONFLITOS DA IDENTIDADE DOCENTE <i>Alisson Crizanton; Vanessa dos Santos; Roberty Cerqueira</i>	28
Capítulo 3 A VOZ DOS ALUNOS: O PROFESSOR COMO INSPIRAÇÃO E CAMINHO DE CONHECIMENTO <i>Ruan Brito França Lau; Kelry Jaíny Café Lecio Santos; Sérgio Liberato Dos Santos Júnior; Laisa Araujo Oliveira; Rebeca dos Anjos Sena Silva</i>	40
Capítulo 4 DO ENSINO BÁSICO AO SUPERIOR: PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E A FORMAÇÃO DOCENTE <i>Alisson Crizanton Alves Lima; Kelry Jaíny Café Lecio Santos; Laisa Araujo Oliveira; Rebeca dos Anjos Sena Silva; Roberty Kauê Costa Cerqueira; Ruan Brito França Lau; Sérgio Liberato dos Santos Júnior; Vanessa dos Santos Silva</i>	52
Capítulo 5 ESPAÇOS NÃO FORMAIS E SUAS POSSIBILIDADES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM <i>Brendha Oliveira Leandro; Eduarda Raminy Moreno dos Santos; Gabriele Pereira dos Santos; Maria Luiza Santos Ferreira; Raissa Paixão dos Santos; Wesley Silva Santos</i>	67
Capítulo 6 PRIMEIROS PASSOS NO PLANEJAMENTO: DESCOBRINDO A DOCÊNCIA EM BIOLOGIA <i>Agnes Victória de Oliveira Santos; Ândria Conceição dos Reis; Armando Borges Pinto; Julia da Silva Naide; Mayra Souza Rodrigues</i>	77



CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA RECONHECEDORA DA IDENTIDADE DO EDUCADOR BRASILEIRO

Ana Luíza Silva Brasil; Alissya Moreno Costa; Isabela Heloise da Silva; Isabele de Jesus Santos; Sara Drielly da Silva Araújo

DOI: 10.29327/5768843.1-1

Neste Capítulo discutiremos a respeito do contexto histórico da identidade docente. Assim sendo, abordaremos sobre a construção da identidade docente, tema fundamental debatido e socialmente construído, teve como influência diversos fatores históricos, políticos e sociais. No começo, ligado a uma vocação religiosa, passando por transformações importantes como a inserção de leigos (no século XVI, na Europa), a feminização que consolidou estereótipos de gênero que resultou a desvalorização salarial (Fim do Século XIX/Início do Século XX), a expansão do ensino e mudanças econômicas, foram fatores fundamentais na constituição da profissão docente ao longo da história, processo esse que influenciou a construção da identidade docente no Brasil (a partir da segunda metade do Século XX) (Santos; Silva, 2016). Além disso, discutiremos que a identidade do educador é marcada por contradições entre a valorização da educação e a desvalorização material e simbólica do professor, levando a situações difíceis de trabalho, perda de autonomia e proletarização (Início do Século XXI). Outros pontos a destacar, se tratam da compreensão dessa identidade, que inclui as vivências e saberes adquiridos, o profissionalismo docente que envolve questões éticas, competências e engajamento com a comunidade e a formação inicial e contínua com foco na articulação entre teoria e prática, estágios supervisionados e programas voltados para formação inicial. Diante do exposto, destacaremos também algumas pesquisas que destacam a importância desses programas voltados para o fortalecimento da identidade, promovendo reflexão crítica e integração ao contexto escolar. Em conclusão, apontaremos que a identidade docente está em contínua mudança, uma vez que incentiva uma formação crítica, reflexiva e alinhada às necessidades educacionais, com maior reconhecimento no mercado de trabalho e o direito à aprendizagem para todos.

1.1 A Construção Docente no Brasil

A princípio, a imagem do “ser professor” é construída por diversos aspectos sociais e históricos, assim como a trajetória e os fundamentos do profissional, de forma individualizada ou coletiva. Neste contexto, a identidade docente está em constante transformação, e inúmeros desafios são enfrentados por esses competentes. Ainda assim, sua função é essencial para a ascensão da educação no país, por isso, devem ser compreendidos e valorizados. Diante disso, é de imensa visibilidade a fala de Garcia, Hypolito e Vieira a respeito de uma identidade docente profissional:

As posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas (Garcia; Hypolito; Vieira, 2005, p. 2).

Os autores chamam atenção para a forma como a sociedade enxerga e interfere no papel do professor, assim, tanto o posicionamento das Escolas e do Governo quanto a circulação social do conceito de “ser professor” influenciam nas ações e na identidade do profissional docente dentro das instituições educacionais.

Mas essa interferência da sociedade sobre o papel do professor é fruto de uma construção histórica, uma vez que esse professor tem sua origem em diversos contextos sociais. No Século XVI, por exemplo, a igreja iniciou o processo das escolas elementares para grande parte da população, ocasionando na prática docente do clero, a qual tinha como finalidade uma “educação” pautada no processo de catequização. Ao decorrer do tempo, devido à alta demanda de ensino, tornou-se necessário a abertura da docência para professores leigos, que de acordo com (Kreutz, 1986, p. 3), “Deveriam fazer previamente um juramento de fidelidade aos princípios da igreja”. Tal abertura permitiu que o Estado incorporasse na educação com uma concepção oposta à da igreja, pois se baseava no ensino laico e no profissionalismo.

Já no século XIX, a educação passou por outras mudanças de concepções. Nesse contexto histórico, por exemplo, foi construída a ideia de funcionário público, e a partir de então, a construção da identidade docente se mostrou independente dos acontecimentos históricos vigentes, promovendo a constituição de um sistema público de ensino. Ao longo dos anos, iniciou-se a necessidade de uma concretização da identidade nacional, e a

educação serviu como um meio para tal. Desse modo, houve a valorização do magistério, visando à constituição como profissão.

Como consequência, esses eventos promovem a consolidação feminina no âmbito docente, onde foi corroborada, principalmente, por aspectos como a feminilidade, a maternidade e as funções domésticas, uma vez que o sistema associava essas características femininas melhor para o processo de ensino-aprendizagem de crianças (concepção machista na educação). Mesmo diante dessa concepção patriarcal, a docência abriu as portas do mercado de trabalho para as mulheres, tornando-se um caminho de subversão. No entanto, apesar de serem as mais procuradas para tal ofício, a desigualdade salarial de homens e mulheres continuou sendo uma grande problemática. Além disso, as mulheres eram submetidas a diversas situações machistas para exercer a profissão docente, por exemplo, um contrato realizado entre elas e a escola, a fim de limitar seus modos de vida na sociedade, em troca de suas profissionalizações.

Logo, uma vez que os homens eram considerados os chefes da casa e a mulher seria a "dona do lar", assim, lecionar seria uma extensão dos trabalhos de casa. Apesar das desigualdades de gênero que atravessaram o exercício do magistério, o trabalho feminino na docência foi de grande importância para a ascensão da mulher na sociedade, porém não foi o suficiente para pôr um fim nessa desigualdade. Segundo Pucci, Oliveira e Sguissardi (1991, p.6), "à medida que a profissão docente foi perdendo seu status em termos de prestígio e salário, foi sendo povoadas pelas mulheres". Todavia, as reformas educacionais ganharam poder e visibilidade na metade do século XX, associadas à incorporação das mulheres ao magistério.

Por conseguinte, devido às demandas de políticas públicas, os trabalhadores do ensino tinham estabilidade e prestígio social. Já na década de 80, acontece a democratização do ensino, sendo mais flexível e integradora. Alega Oliveira e Santos (2008, p. 7) que, "tal mudança de paradigma implicou em transformações substantivas na organização e na gestão da educação pública. Esse fato se tornou um imperativo dos sistemas escolares". Em seguida, é possível destacar que as mudanças no sistema educativo foram grandes responsáveis pela melhoria e democratização da educação pública e empregabilidade no Brasil.

No entanto, essas constantes mudanças exigiam demais do trabalho do educador, tornando difícil e injustas as condições de trabalho. Assim, o texto destaca como as mudanças sociais e a concepção capitalista impactaram a identidade do professor. Com

isso, a docência tornou-se uma profissão regulamentada e controlada pelo Estado, a fim de atender à demanda por escolarização em massa. Os professores foram incorporados ao funcionalismo público, ganhando estabilidade, mas perdendo autonomia.

A conclusão aponta para um conflito atual: as reformas educacionais exigem profissionais qualificados, mas a forma como o Estado gerencia os recursos não acompanha essas necessidades. Isso causa uma proletarização da profissão, desvalorizando o status social, as condições de trabalho e o salário dos professores. A identidade docente, portanto, vive um constante dilema entre a sua importância social e a desvalorização como força de trabalho.

1.2 Identidade Docente: O Processo de Profissionalização

A Identidade Docente é uma construção contínua no processo educativo e formativo. Nesse contexto, é importante destacar que algumas literaturas científicas vêm chamando atenção para os diversos aspectos que a constituem. Um exemplo desse é o artigo “Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor” da autora Dijnane Vedovatto e seus colaboradores (Vedovatto et al., 2014), em que analisa como se constrói a identidade do professor, mostrando que é além do ato de ensinar.

Nesta pesquisa, a autora e seus colaboradores sinalizam que há a necessidade de o professor da atualidade desenvolver ao longo de sua formação tanto inicial quanto continuada, diversos aspectos relevantes para o contexto em que estão inseridos. Além disso, eles explicam que o professor precisa de tempo para assimilar a formação, para aprender como agir, tomar decisões, principalmente para contribuir na formação das futuras gerações.

Ainda neste contexto, Mockler (2011) aponta que a identidade docente envolve três dinâmicas: o ambiente externo da política, o contexto profissional e a experiência pessoal. Logo, a identidade docente é vista como um processo dinâmico de constante construção. Nessa perspectiva, a pesquisa é qualitativa e exploratória, permitindo analisar diferentes trajetórias de docentes.

É notório que a identidade docente não é fixa, pois ela se forma ao longo da carreira e muda conforme o professor reflete sobre sua prática. Nesse sentido, a construção da identidade envolve autonomia, reflexão crítica e capacidade de adaptação, além da interação entre aspectos pessoais e profissionais. Benites (2007, p. 275) afirma que “a

profissão docente, assim como outras profissões, surge num contexto como resposta às necessidades postas pelas sociedades, constituindo-se num corpo organizado de saberes e um conjunto de normas e valores".

Este estudo aponta que o professor tem diversas "faces" que se complementam, mostrando que ser professor exige habilidades e competências, como exemplo a sua experiência (vivências passadas e prática cotidiana), competências pedagógicas (planejar aulas, avaliar alunos de forma ética), formação (a formação acadêmica fornece a base, enquanto atualizações ao longo da carreira fortalecem o aprendizado) e capacidade de adaptação (lidar com diferentes contextos).

Com isso, a profissionalidade é essencial para a identidade do professor, tendo em vista que ela engloba competências pedagógicas, éticas e sociais, além do compromisso com o desenvolvimento dos alunos. Por isso, um professor profissional combina teoria e prática e reconhece seu papel social, contribuindo para a formação integral dos estudantes, como exemplo, professores revelam como a profissão é complexa e reforçam a importância da formação contínua e da reflexão sobre a própria prática:

Analisaram os documentos recentes das reformas curriculares de cursos de formação de professores, em contexto internacional, apontam que há uma preocupação crescente em atender interesses nacionais e internacionais, se esquecendo das necessidades locais, que influenciam diretamente na formação inicial do futuro professor, bem como em sua atuação profissional (Ananias; Souza Neto, 2012, p. 279).

Dessa forma, é necessário formar o profissional com base em sua realidade, uma vez que o seu convívio e os de jovens alunos da educação é o que os forma para a sociedade. Portanto, é por meio desses parâmetros que o docente em formação deve se basear para colocar em prática seu dever de entregar a educação adequada.

Para Ananias e Souza Neto (2012), é necessário redirecionar os processos educativos e formativos para as demandas sociais e educacionais locais, no sentido de que o professor possa compreender o contexto social local em que está inserido e relacionar as suas propostas pedagógicas às realidades locais, tornando a prática pedagógica mais significativa para os seus estudantes.

Mas para isso, precisamos compreender que a prática docente é uma fonte importante de aprendizado, e o saber da experiência envolve o conhecimento que o professor constrói no dia a dia, lidando com alunos, resolvendo problemas e adaptando estratégias de ensino. Nesse sentido, as professoras Tardif e Lessard apresentaram que

“passaram a prestar mais atenção no modo como lidam com o outro, se perguntando por que assumem determinadas posturas” (Tardif; Lessard, 2005, p. 281). Essa experiência auxilia o professor a desenvolver autonomia, reflexão crítica e capacidade de adaptação, fortalecendo sua identidade profissional.

Portanto, ser professor é um processo moldado pela interação entre experiência e profissionalismo. Além disso, fatores externos, como políticas educacionais, contexto profissional e experiências pessoais, também influenciam o professor. Compreender essa identidade é importante para orientar políticas educacionais, apoiar a formação inicial e continuada e promover práticas pedagógicas mais conscientes, eficazes e comprometidas com o desenvolvimento dos alunos.

1.3 Desafios Dos Professores: Mudanças Sociais e Educacionais

A construção da identidade docente está relacionada também às mudanças sociais, culturais, históricas e científico-tecnológicas. Assim, o avanço científico e tecnológico transformou as instituições de ensino, tornando a formação dos cidadãos e a inovação fundamentais para o desenvolvimento social. Sendo assim, a qualidade do professor é decisiva para a aprendizagem. Nesse cenário, a qualidade da formação do professor é essencial para o ensino. Organismos como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a American Educational Research Association (AERA) reforçam a importância da formação inicial e contínua para garantir sistemas educacionais efetivos.

Nesse sentido, é necessário discutir que a identidade docente é um processo em constante construção, influenciado por histórias, práticas e contextos. Ela impacta diretamente a motivação, a satisfação e o compromisso profissional. Assim, reformas e mudanças no ensino influenciam diretamente a identidade do professor, para alguns significam a desprofissionalização, enquanto para outros uma “reprofissionalização”, exigindo novas funções e responsabilidades. Neste aspecto, Bolívar (2006, p. 114) aponta que:

As mudanças das últimas décadas geram ambiguidades e contradições na situação profissional dos professores. A crise de identidade profissional docente deve ser compreendida no cenário de certa decadência dos princípios ilustrados modernos que davam sentido ao sistema escolar.

Os autores chamam atenção para o quanto os aspectos externos à educação influenciam na constituição do ser professor, implicando em diversos aspectos como históricos, culturais e tecnológicos. Essas influências externas estão presentes desde a formação do sujeito, mesmo antes de iniciar a sua formação no magistério, ou seja, a formação docente começa antes mesmo da carreira, a partir das experiências vividas como aluno. Lortie (1975) ressalta que professores constroem crenças e padrões mentais de ensino observando seus antigos mestres. Essas crenças, muitas vezes carregadas de valores afetivos, moldam a prática profissional e permanecem mesmo após a formação acadêmica.

Outro aspecto essencial é o domínio do conteúdo. Buchmann (1984, p. 118) pontua que “conhecer algo nos permite ensiná-lo; e conhecer um conteúdo com profundidade significa estar mentalmente organizado e bem preparado para ensiná-lo de uma forma geral”. O conhecimento docente, no entanto, não pode se restringir ao conteúdo; deve considerar também os alunos, o contexto e as formas de ensinar. Shulman (1992) manifesta a necessidade de que os professores construíssem pontes entre o significado do conteúdo curricular e a construção desse significado feita pelos alunos.

O ensino, porém, não se limita a teorias: aprende-se a ensinar, ensinando. A experiência prática deve ser de qualidade e acompanhada de reflexão. Logo, o conhecimento docente também é construído coletivamente, em comunidades locais, formações ou projetos colaborativos. No entanto, a docência ainda é marcada pelo isolamento, já que professores tendem a trabalhar de forma individualizada, privados de trocas que poderiam enriquecer a profissão (Amorim; Maestrelli, 2020).

As reformas educacionais, em geral, são elaboradas sem a participação efetiva dos professores. Muitas vezes, são adaptações de modelos estrangeiros, aplicados sem levar em conta a realidade local. Esse processo reduz o docente a mero executor de mudanças, ignorando que cada escola possui sua própria cultura e necessidades. Assim, qualquer inovação requer diálogo, adaptação e reconhecimento da autonomia docente.

Outro desafio é o reconhecimento profissional, pois a competência de professores dedicados passa despercebida, assim como as falhas e dificuldades de outros não são trabalhadas, o que impede melhorias coletivas. Além disso, a tecnologia também trouxe novos conflitos. Apesar da presença de recursos digitais, poucas inovações realmente transformaram o ensino. Nessa perspectiva, a identidade docente mostra resistência, e a tecnologia por si só não garante aprendizado (Machado, 2021).

A docência é muitas vezes descrita como artesanal, baseada em tentativas, erros e reconstruções, e essa característica podem fortalecer a cooperação. Talbert e McLaughlin (2002, p. 124) dissertam sobre “a ideia de que comunidades artesanais pode funcionar, isto é, grupos de professores que de forma cooperativa desenvolvam soluções, assim como conhecimento, trabalhando com seus próprios meios e recursos”. No entanto, a escola está perdendo credibilidade como grande referência de aprendizado, visto que disputa espaço com a internet.

Por fim, a entrada na carreira docente é um momento crítico. Dado que os professores iniciantes enfrentam a mesma responsabilidade de colegas experientes, mas com menos apoio, baixos salários e condições difíceis, o que leva muitos a desistirem. No caso do professor de Biologia, esses desafios ganham um peso ainda maior, já que sua identidade docente está diretamente ligada não apenas pelo domínio do conteúdo, mas também por traduzir a ciência em práticas e estimular a formação cidadã em um mundo marcado por avanços científicos e tecnológicos e questões climáticas.

1.4 A Ampliação dos Programas de Incentivo e suas oportunidades

Existem diversos programas educacionais federais e estaduais que contribuem para a formação de professores. Esses programas são frutos de políticas públicas criadas para atender às demandas educacionais, no sentido de promover uma educação de qualidade e mais democrática. Um exemplo dessas políticas públicas é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que foi criado em 2007 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o qual constitui-se como uma política pública voltada à valorização do magistério e ao fortalecimento da formação inicial de professores no Brasil. E sua proposta central é inserir os licenciandos no cotidiano das escolas públicas de educação básica, proporcionando vivências que os aproximem da realidade da profissão docente, como estágios em diferentes localidades, visitas acompanhadas por profissionais da área, a fim de oferecer ao graduando o contato com diferentes práticas e realidades. Pois, a teoria é importante, mas é a aplicação prática da teoria que eleva o nível do profissional. As bolsas são oportunidades decisivas, pois muitos alunos perdem a chance de viver tais oportunidades por morarem em locais distantes, não tendo como arcar com despesas de locomoção para a realização das atividades de ensino.

Takahashi e Lorencini Júnior (2019, p. 3) “identificaram que, entre os licenciandos do curso de Ciências Biológicas, a socialização proporcionada pela prática, durante a formação inicial, favoreceu a construção da identidade docente”. Para os autores, apesar do contato com diversos professores ao longo da vida, é pela socialização no contexto profissional que o licenciando se reconhece como docente ao se perceber como membro do mesmo grupo social.

Dessa forma, o programa possibilita a integração entre teoria e prática, a reflexão sobre o ambiente escolar e a construção gradual da identidade docente ainda durante a graduação. Nesse sentido, diversos estudos apontam seus impactos positivos, como o fortalecimento da identidade profissional, o desenvolvimento de competências pedagógicas e a socialização de experiências entre licenciandos, professores supervisores e coordenadores.

O recebimento da bolsa, além de apoiar financeiramente os estudantes, também atua como incentivo para a permanência no curso. Além disso, a inserção precoce no ambiente escolar permite aos bolsistas vivenciarem desafios concretos do magistério, contribuindo para a formação de um professor crítico, reflexivo e comprometido com a educação pública. De acordo com Nóvoa (2009, p.15) “é necessário [...] devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseados na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão”.

Por outro lado, o programa apresenta limitações que precisam ser consideradas. Como exemplo, desigualdades dentro das próprias turmas, pela quantidade restrita de bolsas. Além disso, em algumas instituições, observa-se a falta de articulação entre o PIBID e a estrutura dos cursos de licenciatura, o que pode comprometer a efetividade do processo formativo. Bem como a sobrecarga dos professores supervisores, pois acumulam a função de acompanhar bolsistas com as demandas já existentes do ensino regular.

Apesar dessas contradições, o PIBID é reconhecido como um importante avanço para a formação inicial de professores. E, no caso específico da formação em Ciências Biológicas, o PIBID apresenta uma contribuição significativa, pois exige do futuro professor a articulação entre conteúdos científicos e metodologias adequadas para o ensino da Biologia, além de uma postura crítica diante dos desafios ambientais, sociais e éticos relacionados à ciência.

Para Gatti et al. (2014, p. 4), o PIBID contribui com a reflexão sobre as práticas pedagógicas vigentes, tanto nas escolas quanto nas

universidades, ao aumentar a oportunidade de relacionar os conceitos científicos com a prática docente, valorizando o conhecimento com atitude, competência e ética e articulando-o com o ensino, a pesquisa e a extensão.

É nítido que a experiência proporcionada pelo programa permite ao licenciando não apenas aplicar conhecimentos, mas também compreender como o ensino de Biologia pode promover o desenvolvimento do pensamento científico nos alunos da educação básica. Nesse viés, o PIBID se consolida como uma política pública essencial para a valorização do magistério e para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores.

Segundo Marcelo Garcia (2010, p. 10), a identidade profissional docente [...] não surge automaticamente como resultado da titulação, ao contrário, é preciso construí-la e modelá-la. E isso requer um processo individual e coletivo de natureza complexa e dinâmica, o que conduz à configuração de representações subjetivas acerca da profissão docente.

Conclui-se que, ao inserir os licenciandos no ambiente escolar desde cedo, ainda que apresente limitações, o PIBID constitui-se como uma experiência formativa relevante, que deve ser fortalecida e ampliada para alcançar cada vez mais estudantes e como referência na construção de professores críticos, reflexivos e comprometidos com a educação básica.

1.5 Identidade Docente: embarque na carreira

Desde cedo, cada um carrega marcas que se tornam parte de sua construção profissional, como seu nome, gênero e nacionalidade. No entanto, essas marcas não definem sua trajetória por completo. No caso da identidade docente, sua construção começa antes da formação profissional e se desenvolve durante a formação acadêmica e até mesmo depois. De acordo com Souza (2012, p. 3) “as vivências, experiências e representações produzidas ao longo da história de vida do indivíduo possuem implicações na maneira com que ele irá pensar e desenvolver a docência em sua carreira”.

Os saberes docentes necessários para o exercício da profissão podem ser divididos em: Saberes da Formação Profissional, Saberes Disciplinares, Saberes Curriculares e Saberes Experienciais. Os Saberes da Formação Profissional são referentes às técnicas e métodos de ensino pedagógicos. Os Saberes Disciplinares são os conhecimentos teóricos científicos. Os Saberes Curriculares são o modo como cada conteúdo teórico é organizado.

E por fim, os Saberes Experienciais são os conhecimentos adquiridos na prática cotidiana da profissão.

O Estágio Curricular Supervisionado é uma ferramenta de formação docente para que se possa ocorrer a associação entre teoria e prática. De modo semelhante, o PIBID foi implementado para a valorização da docência. Ambos contribuem para o processo de formação da identidade docente, pois viver experiências na prática auxilia na maneira que o futuro professor pode adquirir uma plena experiência em sala, podendo levar seus conhecimentos para suas turmas futuras.

Através dessas experiências e do contato direto com os discentes, pode também ser possível a mudança da percepção em relação ao papel social da educação. O papel do professor vai muito além da sala de aula, consiste em formar cidadãos e estimular o pensamento crítico. Dessa forma, é necessário que o professor observe cada estudante, aprendendo sobre sua cultura e contextos sociais. Como destaca Nóvoa (1995, p.5) “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”.

Apesar da suma importância de todas essas ações, a formação inicial pode apresentar divisão entre a teoria e a prática, pois muitos cursos, como Biologia, acabam dando prioridade ao conteúdo técnico e teórico, assim deixando a prática, que também é importante, de lado. Isso pode fazer com que o futuro professor só comece a se sentir de fato preparado quando está no estágio supervisionado.

O período de transição de aluno a professor é definido pelo crescente reconhecimento de um novo papel institucional, pela interação entre crenças, perspectivas e práticas diferentes (e às vezes conflituais), que podem implicar na formação e na transformação da identidade profissional do professor (Flores, 2010, p. 8).

A formação no ensino superior é de suma importância, visto que permite aos licenciandos a experiência de ser orientado por um profissional de excelência e viver experiências que podem ser levadas à sala de aula futuramente. A universidade prepara, mas o aprendizado só é colocado em prática quando se enfrenta o ambiente da sala de aula, lidando com a responsabilidade de transitar de aluno para professor, de ser inspirado para inspirar, de introduzir a realidade e perspectiva de cada um ao coletivo.

Não há um manual a se seguir no embarque da carreira, cada experiência será única e individual, pois elas serão as responsáveis por moldar a identidade docente construída desde o início da vida até a formada pela graduação. As rotinas se mostraram cansativas e

desafiadoras, mas não há gratificação maior do que ser exemplo para a formação da identidade docente de alguém, pois dessa forma entende-se que o choque inicial da profissão é apenas um pequeno obstáculo na linda jornada da docência.

1.6 O Que Você Compreendeu Por Identidade Docente Até Agora?

Desde o início da vida de cada indivíduo, a docência se faz presente nos mínimos detalhes, das formas mais lúdicas para crianças e mais complexas aos demais. Não há uma classificação ou rótulo, mas caracteriza grande importância para a formação e caráter identitário de cada pessoa, desde um livro educativo a um texto motivador, tem-se que cada passo mínimo o leva à jornada do autoconhecimento, da criação da identidade, da compreensão do ser.

Ao longo da preparação deste capítulo, houve diversos questionamentos acerca de como reconhecer o caráter identitário do docente. E na imagem abaixo, alguns estudantes ingressantes da licenciatura em Ciências Biológicas responderam o que consideram importantes ou o que entendem por construção do caráter docente com algumas palavras, por meio de uma nuvem de palavras disponibilizada pelo professor responsável pela disciplina.



Fonte: imagem extraída do site mentimeter

Com a nuvem de palavras, as respostas formadas tornam-se perceptíveis que tal identidade só pode ser construída através de uma junção de fatores, desde aprender com

*A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA:
saberes, diálogos e criticidade*

os erros diários até passar a compartilhar o que lhe foi ensinado. Pois tal perspectiva é moldada por experiências, pelo compromisso do indivíduo com o próximo, pela empatia de entender que em uma sala de aula existem diversas realidades em conflito, realidades que podem ser sofridas ou privilegiadas, valorizadas ou não, realidades e vivências que irão impactar diretamente na construção crítica do ser professor.

As palavras expostas são a base ou a inspiração dos atuais licenciandos, pois é de suma importância que tal compreensão seja adaptada a cada dia, para que a transformação na educação continue a ocorrer, permitindo que cada professor tenha sua parcela de contribuição no molde da evolução constante. Assim, como ficou explícito na nuvem de palavras, a identidade docente é uma CONSTRUÇÃO que perpassa por diversos APRENDIZADOS durante a constituição do ser professor/a.



CAPÍTULO 2

A ALMA DO OFÍCIO: TENSÕES E CONFLITOS DA IDENTIDADE DOCENTE

Alisson Crizanton; Vanessa dos Santos; Roberty Cerqueira

DOI: 10.29327/5768843.1-2

Este capítulo examina, de forma aprofundada e sensível, os diversos elementos que compõem a identidade docente no contexto contemporâneo, destacando tanto os desafios estruturais quanto as dimensões humanas que atravessam o trabalho do professor. Logo no início, evidencia-se que a escolha pela docência costuma nascer de vivências pessoais marcantes, do gosto pelo ato de ensinar e do desejo de contribuir para transformações sociais significativas. Muitos docentes relatam que começaram a se reconhecer nessa profissão ainda durante a formação, quando perceberam prazer em compartilhar conhecimentos e em participar de processos pedagógicos que despertavam um sentido de pertencimento e compromisso com a educação.

O início da carreira é descrito como um momento marcado por sentimentos mistos, de um lado, há entusiasmo e alegria ao perceber o impacto que o professor pode exercer, de outro, surgem inseguranças relacionadas ao enfrentamento de turmas grandes, à necessidade de adaptar metodologias e ao desafio de conciliar teoria e prática. Ao decorrer do tempo, porém, esse percurso ganha maturidade por meio do diálogo com colegas, da formação continuada e da construção cotidiana de relações com os estudantes. Assim, reafirma-se que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas participarativamente da formação crítica e humana dos sujeitos.

Uma parte importante do capítulo aborda as transformações provocadas pelo avanço das tecnologias digitais e também as mudanças no perfil discente, onde o rápido acesso à informação exige que o professor adote uma postura mais mediadora, criando espaços de diálogo e participação. Embora essas inovações ampliem possibilidades pedagógicas, elas também trazem desafios: a necessidade constante de atualização, a falta de suporte institucional e as desigualdades no acesso às ferramentas tecnológicas. A experiência da pandemia de covid-19 evidenciou ainda mais essas dificuldades ao exigir adaptações abruptas, revelando fragilidades na infraestrutura educacional e evidenciando as desigualdades sociais, principalmente no contexto educacional.

Além disso, o capítulo destaca o papel essencial da adaptação às múltiplas realidades educacionais, como lidar com a diversidade sociocultural, compreender as demandas da inclusão e reconhecer a importância dos núcleos de apoio ao estudante. Essas questões são tarefas centrais no trabalho docente. Assim sendo, essa adaptação se constrói por meio de uma postura ética, aberta ao diálogo e sensível às singularidades de cada turma, reforçando a ideia de que a identidade profissional se desenvolve continuamente, alimentada pela reflexão e pela escuta atenta, sinalizando caminhos para a ressignificação da prática docente.

A discussão também contempla a desvalorização histórica da profissão docente, marcada por condições de trabalho precárias e reconhecimento social limitado. Ainda assim, muitos professores afirmam que permanecem motivados pelo progresso dos alunos e pela potência transformadora do ensino, reafirmando a docência como missão social e espaço de esperança.

Em síntese, o capítulo revela que o sentido da docência no século XXI envolve equilibrar desafios tecnológicos, pressões estruturais e exigências emocionais, sem perder de vista a humanização das relações e a força transformadora da educação. Assim, neste capítulo, discorreremos que, ser professor hoje significa resistir, reinventar-se e reafirmar diariamente a educação como um compromisso ético e um ato de esperança coletiva.

2.1 Trajetórias na formação docente: Motivações para a escolha da profissão docente

Após realizarmos algumas entrevistas com os professores do ensino superior,

especialmente docentes do ensino de Biologia de uma universidade pública no Sul da Bahia, sobre algumas questões que permeiam a constituição da identidade docente, como exemplos: destaquei aqui, de forma breve, o que foi abordado nas entrevistas, exemplos: Inspirações e influências; Experiências no início da carreira docente no ensino superior; Experiências docentes; o valor de ser professor atualmente; Mudanças marcantes ao longo da carreira; Desafios científicos tecnológicos no contexto educacional atual; Adaptação às Realidades da Educação; Desvalorização do Profissional Docente; Impacto e perspectivas da Desvalorização; Permanência e motivações; O Sentido da Docência no Século XXI: Entre Desafios e Reexistências; Entre o Caos e a Esperança: O Professor que Resiste; Educar é Resistir: Vozes que Transformam.

Em um desses diálogos com os professores, destacamos que, quando perguntados sobre o motivo que os levou a escolher a docência, eles destacaram que a decisão surgiu tanto por vocação quanto por influência de experiências pessoais marcantes. Muitos relataram que sempre tiveram afinidade com o ato de ensinar e com a troca de conhecimentos, vendo na educação uma forma de transformar realidades e contribuir para o crescimento do outro. Ainda, outros mencionaram que a docência apareceu naturalmente durante a formação acadêmica, quando perceberam prazer em explicar conteúdos e participar de atividades de ensino. Assim, percebemos a partir da percepção dos professores que a ideia de fazer a diferença na vida dos alunos e o desejo de contribuir para a sociedade foram fatores determinantes na escolha da carreira, mesmo diante de um cenário em que essa profissão não tem sido valorizada em diversos aspectos.

Inspirações e influências para seguir a profissão docente

Em relação às inspirações que tiveram para se tornarem professores, boa parte dos entrevistados apontou os antigos professores como exemplos positivos que despertaram o interesse pela profissão. Esses educadores serviram como modelos de dedicação, empatia e compromisso com a aprendizagem. Além disso, também houve quem mencionasse familiares ligados à área da educação ou experiências vividas em sala de aula que despertaram o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar. Ainda, para alguns, a inspiração veio de observar o impacto social e humano que o professor exerce, percebendo o ensino como um ato de cuidado e construção coletiva do conhecimento.

Experiências no início da carreira docente no ensino superior

Quanto ao início da trajetória no ensino superior, os docentes relataram sentimentos mistos de entusiasmo e insegurança. Muitos ainda destacaram as dificuldades enfrentadas nos primeiros contatos com turmas grandes, na adaptação às metodologias de ensino e na busca por estratégias que mantivessem o interesse dos alunos. A falta de experiência prática e a necessidade de conciliar teoria e didática também foram desafios comuns. Contudo, todos ressaltaram que, com o tempo, o amadurecimento profissional veio através da troca com os colegas, da formação continuada e do aprendizado diário proporcionado pelo convívio com os estudantes, sinalizando que a construção da formação docente ou Identidade Docente se dá de forma processual e é atravessada por diversos aspectos, como as questões pessoais, familiares, sociais e formativas.

Ser docente vai além de transmitir conteúdos

Além dessas questões, o diálogo trouxe reflexões sobre a valorização do professor e os desafios da carreira atualmente. Os entrevistados ressaltaram a importância de políticas públicas voltadas à educação, melhores condições de trabalho e incentivo à pesquisa. Também comentaram sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e como figura essencial na formação crítica dos alunos, pois, para eles, ser docente vai além de transmitir conteúdos: é participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e consciente.

Dessa forma, a trajetória dos professores entrevistados revela um caminho de descobertas, superações e, sobretudo, compromisso com a educação como instrumento de transformação social.

2.2 Experiências docentes

Sobre o valor de ser professor atualmente

Ao serem questionados se ainda vale a pena ser professor nos dias de hoje, as respostas revelaram uma mistura de realismo e esperança. Muitos reconheceram que a profissão enfrenta grandes desafios, como a desvalorização social, os baixos salários e a

falta de reconhecimento. Ainda assim, afirmaram que o sentido de ser professor vai muito além das dificuldades materiais. Para eles, ensinar continua sendo um ato de amor, resistência e compromisso com a formação humana. Os docentes ressaltaram que cada aluno que aprende, cresce e alcança seus objetivos é uma recompensa que renova o desejo de continuar na docência. Mesmo diante das adversidades, destacaram que vale a pena permanecer nessa profissão porque ela tem o poder de transformar vidas e realidades.

Mudanças marcantes ao longo da carreira

Quando refletiram sobre as mudanças percebidas ao longo da trajetória profissional, os professores apontaram diversas transformações tanto no perfil dos alunos quanto nas metodologias de ensino. Comentaram que o avanço tecnológico modificou profundamente o modo de ensinar e aprender, exigindo novas formas de comunicação e adaptação constante às ferramentas digitais. Também observaram que os estudantes de hoje têm acesso mais rápido à informação, o que exige do docente uma postura atenta e mais mediadora do que transmissora de conhecimento. Além disso, notaram mudanças nas relações interpessoais dentro do ambiente acadêmico, com maior valorização da escuta, da inclusão e da diversidade. Muitos afirmaram que, apesar das dificuldades, a educação evoluiu e tornou-se mais dinâmica e participativa, colaborando para uma formação mais integral dos discentes.

Outros aspectos abordados na trajetória docente

No decorrer das conversas, surgiram ainda reflexões sobre o futuro da docência e a necessidade de fortalecimento da identidade profissional do professor. Os entrevistados enfatizaram que é essencial investir em formação continuada, em políticas de valorização e em condições dignas de trabalho. Também mencionaram a importância do afeto, da empatia e do diálogo como ferramentas pedagógicas indispensáveis. Para eles, ser professor é muito mais do que exercer uma profissão: é assumir uma missão social que requer dedicação, paciência e constante reinvenção diante das mudanças do mundo contemporâneo.

Assim, as experiências relatadas evidenciam que, apesar dos desafios e transformações, a docência permanece como uma escolha significativa e inspiradora,

marcada por aprendizado contínuo e compromisso com o desenvolvimento humano.

2.3 Desafios científicos e tecnológicos no contexto educacional atual

Ao discutir os desafios científicos e tecnológicos presentes na educação contemporânea, as professoras e o professor entrevistados destacaram que vivemos um período de intensas transformações, em que as inovações digitais modificam profundamente as formas de ensinar, aprender e interagir com o conhecimento. A presença cada vez maior da tecnologia no cotidiano dos alunos ampliou as possibilidades de ensino, mas também trouxe obstáculos significativos para a prática docente, tanto em termos de estrutura quanto de preparo profissional.

Segundo os relatos, um dos principais desafios é acompanhar o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas, como as novas ferramentas que surgem constantemente, exigindo dos educadores atualização e adaptação contínuas — o que nem sempre é viável diante das limitações de tempo, recursos e apoio institucional etc. A pandemia de covid-19 foi citada como um marco nesse processo, pois obrigou os docentes a dominar rapidamente plataformas digitais e novas metodologias, muitas vezes sem o suporte técnico e emocional necessário.

Outro ponto levantado pelos entrevistados foi a transformação do papel do professor na era digital. O educador deixou de ser o único responsável pela construção do conhecimento e passou a atuar como mediador do aprendizado. Uma das falas do professor, durante a entrevista, ressalta que “a aula deve ser voltada para o aluno”, enfatizando que o diálogo e a escuta ativa são essenciais para que o estudante se torne protagonista do próprio processo de aprendizagem. Essa mudança de postura exige que o professor desenvolva habilidades pedagógicas mais flexíveis e interativas, capazes de integrar tecnologia e participação ativa dos alunos.

Os docentes também chamaram atenção para as desigualdades no acesso às tecnologias. Embora as ferramentas digitais estejam cada vez mais presentes, nem todos os estudantes possuem internet estável, equipamentos adequados ou ambientes favoráveis ao estudo. Essa exclusão digital amplia as diferenças sociais e prejudica o desenvolvimento escolar. Um dos relatos reforçou a necessidade de “ampliar o conceito de inclusão”, compreendendo que uma educação realmente inclusiva deve considerar não apenas as pessoas com deficiência, mas também a diversidade cultural, econômica e social

existente nas salas de aula.

As percepções dos entrevistados mostraram, ainda, que os desafios tecnológicos estão profundamente ligados aos desafios humanos. As tecnologias podem facilitar o aprendizado, mas jamais substituem o vínculo entre professor e aluno. O uso de recursos digitais e metodologias híbridas deve vir acompanhado de empatia, sensibilidade e capacidade de escuta. Cabe ao docente conduzir situações de conflito, compreender as necessidades dos estudantes e adaptar-se às diferentes realidades, mantendo o equilíbrio entre inovação e acolhimento.

Por fim, os professores reforçaram que, apesar das dificuldades, à docência permanece como uma profissão essencial e transformadora. Os desafios científicos e tecnológicos, embora complexos, também representam oportunidades de crescimento e de reconfiguração do ensino, tornando-se fundamental para que a formação docente acompanhe essas mudanças, preparando profissionais críticos, criativos e comprometidos com uma educação que une conhecimento técnico e valores humanos a partir do contexto atual que os estudantes estão inseridos.

Em síntese, as falas dos professores revelam que o grande desafio da atualidade não é apenas incorporar tecnologia ao ensino, mas fazê-lo de forma consciente, ética e inclusiva. Além disso, evidenciamos que ser professor hoje significa equilibrar ciência e sensibilidade, inovação e humanidade, garantindo que o progresso tecnológico sirva à aprendizagem e ao desenvolvimento pleno dos alunos.

2.4 Adaptação às Realidades da Educação

A docência, especialmente no ensino superior, exige um movimento constante de adaptação às múltiplas e complexas realidades educacionais. Isto ficou claro durante as entrevistas aos professores. Os professores entrevistados, por exemplo, deixaram claro que o contexto universitário é atravessado por desafios estruturais, tecnológicos e, sobretudo, humanos, o que demanda do docente flexibilidade intrínseca e sensibilidade aguçada diante das vertiginosas transformações sociais. A prática pedagógica, segundo os relatos, transcende a mera transmissão do conhecimento; ela envolve a arte de compreender as especificidades de cada turma e o contexto sociocultural dos estudantes, buscando estratégias que tornem o ensino genuinamente significativo.

Os professores universitários também reconhecem de forma unânime que a

universidade é um espaço em permanente construção e, por isso, requer atualização incessante. Muitos admitiram que não receberam a bagagem completa para lidar com a crescente diversidade das salas de aula, especialmente frente às políticas de inclusão. A presença de núcleos de apoio ao estudante foi citada como peça-chave para garantir a permanência e o pleno aprendizado de alunos com diferentes condições e necessidades, o que evidencia o avanço institucional no enfrentamento das desigualdades. Essa perspectiva encontra eco em Nóvoa (1992), quando afirma que o professor se constitui no diálogo fecundo entre o saber técnico e o humano, desenvolvendo-se na relação com os outros e com o meio escolar.

Outro ponto crucial ressaltado é que a adaptação às realidades educacionais não se restringe à adoção de metodologias inovadoras ou recursos digitais; ela é, sobretudo, uma questão de postura ética e empática do docente. A escuta ativa e a abertura genuína ao diálogo surgem como práticas indispensáveis para acolher a pluralidade das salas de aula contemporâneas. A experiência *in loco* mostra que o ensino só se torna transformador quando o professor é capaz de enxergar o aluno em sua totalidade, como sujeito ativo do processo educativo, valorizando seus saberes e trajetórias de vida.

Os discentes entrevistados confirmam essa percepção, apontando que o curso de licenciatura tem sido vital para a construção de uma identidade docente crítica e flexível. As experiências em estágios e projetos de extensão possibilitam o mergulho nas dificuldades das escolas públicas — a falta de recursos e as desigualdades sociais —, mas também o prazer inegável de ensinar e aprender com a diversidade. Para eles, adaptar-se é assumir a responsabilidade de reconhecer a complexidade da educação brasileira e desenvolver estratégias que tornem o aprendizado mais participativo, contextualizado e inclusivo.

Em síntese, a adaptação às realidades da educação envolve um movimento contínuo de reflexão profunda e ação engajada. Exige dos docentes a capacidade de aprender incessantemente com a própria prática, reinventar métodos e humanizar-se radicalmente nas relações pedagógicas. Como nos lembra o emblemático filme *A Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), ensinar é um ato de coragem e reinvenção — um exercício constante de adaptar-se para inspirar o outro a enxergar o mundo de novas formas.

2.5 Desvalorização do Profissional Docente

Impacto e perspectivas da Desvalorização

A desvalorização da docência é perceptível tanto na formação inicial quanto na atuação profissional, configurando-se como uma realidade presente no ensino básico e superior. Trata-se de um problema estrutural que contribui para o desinteresse em seguir a carreira docente.

Alguns professores relatam ter vivenciado esse processo de desvalorização desde sua formação até o exercício da profissão. Outros reconhecem que o preconceito e a falta de valorização da carreira docente constituem barreiras concretas que afastam jovens da licenciatura. De acordo com um professor entrevistado, a desvalorização ultrapassa a esfera individual, inserindo-se em um projeto estrutural do país: “A desvalorização docente é real. Ela é um projeto no nosso país de governança, de ricos sobre pobres, de luta de classes. Ela existe desde a primeira geração de professores no Brasil.”

Nesse sentido, Silva, Miranda e Bordas (2016) afirmam que *“as condições de trabalho docente no Brasil revelam um processo contínuo de desvalorização, que compromete não apenas a qualidade da educação, mas também a permanência dos profissionais na carreira.”* Os autores mostram que a desvalorização docente é um processo estrutural e contínuo, não uma experiência individual.

As condições precárias de trabalho comprometem a qualidade da educação e dificultam a permanência dos professores na carreira. Essa análise evidencia a necessidade de políticas públicas de valorização, que assegurem melhores condições materiais e reconhecimento social da docência. A precarização das condições de trabalho, aliada ao baixo reconhecimento social, contribui para a evasão da carreira e para a perda de qualidade na educação.

Permanência e motivações

Segundo o docente entrevistado, “A resistência tornou-se parte da nossa missão, reafirmando que a luta por valorização e a defesa do conhecimento são mais necessárias do que nunca.” A desvalorização compromete a qualidade da educação e afeta o bem-estar tanto dos professores em exercício quanto dos que ainda estão em formação. Apesar das dificuldades, muitos docentes afirmam que sua maior motivação para permanecer na

carreira é acompanhar o progresso dos alunos. Ver um estudante compreender determinado conteúdo ou ganhar confiança em si mesmo são conquistas que fortalecem o compromisso do professor e o incentivam a continuar na luta pela melhoria da educação.

Como reforça Paulo Freire (1996), “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*” A citação de Paulo Freire destaca que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que o aluno construa seu próprio conhecimento. Essa visão reforça o papel do professor como mediador e mostra que, mesmo diante da desvalorização, à docência mantém sua missão transformadora.

2.6 O Sentido da Docência no Século XXI: Entre Desafios e Reexistências

Em meio às rápidas transformações sociais e tecnológicas, a docência é impelida a assumir novos contornos e ressignificações. As falas de professores e estudantes revelam, com clareza, que o papel do educador no século XXI ultrapassa a mera instrução: ele é um mediador cultural sagaz, um articulador de saberes e um agente de resistência ativa em tempos de desvalorização e incertezas.

Os docentes entrevistados pontuam que, embora o avanço tecnológico traga possibilidades inéditas para o ensino, ele também intensifica a fragmentação do tempo, a sobrecarga de tarefas e a potencial perda de vínculos humanos. O professor precisa, portanto, equilibrar inovação e sensibilidade, utilizando recursos digitais sem jamais perder o contato afetivo e o diálogo. A prática docente torna-se, assim, um exercício de “reexistência” — um termo que sintetiza a luta cotidiana para manter viva a esperança na educação como força propulsora de transformação.

Entre os licenciandos, percebe-se um sentimento de entusiasmo que se mescla à preocupação. Eles reconhecem que a docência é um campo eminentemente desafiador, mas também um espaço fértil de construção coletiva e emancipação. Inspirados por experiências positivas com professores que valorizam o diálogo e a prática, desejam transformar a sala de aula em um ambiente de experimentação e criticidade. Para muitos, ser professor hoje significa frontalmente resistir à lógica produtivista e reafirmar o ensino como um ato visceral de humanidade.

Essa perspectiva dialoga profundamente com o pensamento de Paulo Freire (1996), que defende a educação como prática de liberdade. Para o autor, o educador

precisa “esperançar”, ou seja, agir com fé crítica na capacidade de o ser humano transformar a realidade por meio do conhecimento e do diálogo. Assim, o sentido da docência contemporânea se sustenta na tríade ética, empatia e compromisso inegociável com a formação integral do sujeito.

Em analogia, o filme Escritores da Liberdade (2007) ilustra com maestria essa potência transformadora: uma professora que, mesmo diante de condições adversas, acredita no poder da palavra e da escuta como instrumentos de reconstrução humana. Do mesmo modo, os professores entrevistados reiteram que a educação ainda é um dos principais caminhos de ascensão social e emancipação, mesmo quando o cenário político e econômico parece desfavorável.

Portanto, o sentido da docência no século XXI é o de reexistir com propósito inabalável — ensinar, aprender e transformar, apesar dos ventos contrários. É reconhecer, como afirmam os participantes das entrevistas, que a educação permanece sendo um espaço de resistência, esperança e renovação constante da vida coletiva.

2.7 Entre o Caos e a Esperança: O Professor que resiste

Educar é Resistir: Vozes que transformam

A docente entrevistada afirma que “ser professor é resistir diariamente às condições precárias, à desvalorização da profissão e ao desinteresse social pela educação. Mesmo assim, seguimos acreditando que ensinar é transformar.” Nesse trecho, apresenta uma compreensão profunda da docência em uma prática que exige coragem, persistência e compromisso ético. Esse diálogo conecta diretamente com o pensamento de Paulo Freire (1996), que defende que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.” O ato de ensinar é inseparável da luta por justiça social, sendo o professor um agente de transformação que atua mesmo diante das adversidades.

Ambas as falas convergem na ideia de que a resistência docente não é apenas uma resposta às condições materiais desfavoráveis, mas uma postura ativa e esperançosa diante da realidade. Enquanto enfatiza o enfrentamento cotidiano e a crença na potência transformadora da educação, Freire amplia esse entendimento ao situar o ensino como prática política e libertadora.

Diante do exposto, percebemos que as percepções dos professores sobre o presente capítulo abordaram, de forma crítica e sensível, os múltiplos elementos que

constituem a identidade docente no contexto contemporâneo. A partir das entrevistas realizadas com professores do ensino superior, foi possível compreender que a escolha pela docência está frequentemente associada a experiências pessoais marcantes, influências inspiradoras e ao desejo de contribuir para a transformação social. O início da carreira docente é caracterizado por sentimentos ambíguos, como entusiasmo e insegurança, sendo o amadurecimento profissional um processo contínuo, sustentado pela escuta, pelo diálogo e pela formação continuada.

A prática docente revelou-se como uma atuação que transcende a mera transmissão de conteúdos, exigindo postura ética, sensibilidade e capacidade de mediação. Os professores enfrentam realidades educacionais diversas, marcadas por desigualdades estruturais, escassez de recursos e demandas de inclusão, sendo a escuta ativa e a empatia elementos fundamentais para uma educação significativa e transformadora.

A desvalorização da profissão docente, evidenciada por baixos salários, precarização das condições de trabalho e ausência de reconhecimento social, constitui um dos principais entraves à valorização da carreira. Apesar disso, os docentes reafirmam sua permanência na profissão como um ato de resistência e esperança, motivados pelo progresso dos alunos e pela crença no potencial emancipador da educação.

Inspirados pelo pensamento de Paulo Freire, os professores entrevistados reafirmam a docência como prática de liberdade, resistência e reexistência. Ensinar, no século XXI, é um ato político e humanizador, sustentado pela ética, empatia e compromisso com a formação integral dos sujeitos. A identidade docente, portanto, é construída na intersecção entre desafios e esperanças, entre o caos e a reinvenção, revelando que educar é resistir e transformar.



CAPÍTULO 3

A VOZ DOS ALUNOS: O PROFESSOR COMO INSPIRAÇÃO E CAMINHO DE CONHECIMENTO

Ruan Brito França Lau; Kelry Jaíny Café Lecio Santos; Sérgio Liberato Dos Santos Júnior; Laisa Araujo Oliveira; Rebeca dos Anjos Sena Silva

DOI: 10.29327/5768843.1-3

Para desvendar as complexas dinâmicas que permeiam o processo ensino-aprendizagem, entrevistamos professores da Educação Básica, buscando identificar as principais barreiras que impedem os alunos de compreenderem e se interessarem pelos estudos, especificamente na área de Biologia. Foi notório que os professores, com base em suas ricas experiências de sala de aula, destacaram uma multiplicidade de problemas que, de maneira direta ou indireta, dificultam a compreensão do conhecimento pelos estudantes.

Curiosamente, nenhum dos profissionais foi capaz de apontar com exatidão ou hierarquizar a fonte original desses problemas, sugerindo que todos eles são potenciais e atuam de forma interligada e simultânea. Essa percepção é perfeitamente sintetizada pela reflexão do Professor. O Professor afirma que, mais importante do que hierarquizar as barreiras do ensino, é compreender que ser professor é uma profissão árdua, que lida com a subjetividade e, frequentemente, sem suporte institucional.

Diante de tal quadro, o papel fundamental do educador se revela como um desafio contínuo. A profissão de professor é um trabalho árduo, marcado por constantes dificuldades, especialmente ao lidar diretamente com um público diverso e, muitas vezes,

sem o apoio adequado do Estado ou da própria instituição de ensino. Assim, a discussão que se inicia neste capítulo mergulhará nas camadas mais profundas da realidade docente.

Abordaremos como a trajetória de vida de um professor o molda e o prepara para a atuação em sala de aula; os desafios científicos e estruturais que esses profissionais precisam enfrentar dia após dia; as diferentes formas de adaptação e resistência às complexas realidades da educação nos tempos atuais; e o quanto a desvalorização do profissional em educação permanece tristemente persistente na sociedade.

3.1 -Trajetórias na formação na concepção do docente

Postulam que a constituição do ser professor, isto é, sua identidade como docente, perpassa da socialização primária, na vida escolar, à formação em cursos de licenciatura, culminando, em sua formação permanente, como um professor efetivo (Iza et. al. 2014). Assim, denota-se que os caminhos para formação da concepção docente permeiam variáveis, vivências, obstáculos, frustrações e expectativas particulares a cada realidade, a qual tem sua construção paulatina ao desenvolvimento pessoal de cada professor. Tendo em vista a trajetória e impactos pessoais na carreira, os professores sinalizam a importância da ressignificação da docência a partir de experiências práticas de ensino em sala de aula, exemplificado pela reflexão do *Entrevistado*.

Professor 01 (2025) relata que sua atuação inicial na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) foi o fator decisivo para uma profunda mudança em sua percepção docente. Essa experiência o fez repensar a importância da Educação na vida de "pessoas reais" e perceber que questões teóricas discutidas na formação inicial se concretizaram em sua prática diária. O docente pondera que os aspectos mais cruciais dessa transformação foram a valorização da teoria, a reflexão constante sobre o seu trabalho e a realização de adequações metodológicas após a vivência em cada turma.

A percepção supracitada é corroborada pelas afirmações das *Entrevistadas 3 e 4*, que demonstram uma visão marcada por uma reinterpretação disruptiva da função docente respectivamente. A graduação é considerada crucial para expandir a visão do professor, permitindo que ele se reconheça como um mediador ativo no processo de aprendizado, superando o papel de simples transmissor de conhecimento. Nesse sentido, o profissional em questão afirma que, desde sua formação inicial em 1995, seu principal objetivo sempre foi substituir práticas didáticas tradicionais e pouco eficazes, como cópias

e cruzadinhas, por um modelo de ensino mais significativo e efetivamente centrado no estudante.

Esse relato exemplifica como as trajetórias formativas influenciam a visão que o professor constrói sobre sua função, revelando um percurso de reflexão, crítica e superação dos modelos tradicionais. Ele reforça que a concepção de docência é profundamente moldada pelas experiências vividas durante a formação.

Embora a identidade docente tenha seu início na socialização primária, pôde-se inferir que a formação desta concepção e a autopercepção do professor, necessariamente, como um professor tem seu clímax na vivência em sala de aula e, consequentemente, no impacto na vida dos estudantes. De modo que todas as vivências e aprendizados, outrora teóricos, são postos à prova, resultando em uma nova visão acerca do ensinar, sinalizada pelos professores em seus depoimentos como uma nova perspectiva pessoal e profissional.

O caráter atemporal da construção docente confirma-se em Pimenta (1996), que exprime que uma identidade profissional se constrói a partir da significação social e da revisão constante de significados sociais da profissão, da revisão das tradições, mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que se mantêm significativas. Essa construção secular tem uma constante, a colaboração de cada professor para esse significado de ser docente, enquanto ator e autor. Valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e anseios e o sentido que tem em sua vida o ser professor, assim como a sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (Pimenta, 1996).

Infere-se a existência de uma retroalimentação entre a formação da concepção docente e a vivência particular e vida pessoal de cada professor, uma vez que a nova visão de mundo possibilitada pela experiência em sala de aula não se restringe apenas ao mundo educacional. A qual se estende ao cotidiano de cada educador, como abordado pelos entrevistados acerca das mudanças significativas devido à influência da carreira no magistério.

O profissional defende que sua prática pedagógica em sala de aula passou por uma significativa transformação ao integrar maior criticidade e empatia. Seu objetivo é implementar um ensino de Ciências que assegure aos alunos uma formação mais reflexiva e engajada. Ele descreve que essas mudanças na carreira docente foram profundas,

alterando radicalmente sua visão sobre a educação, a forma como percebe as pessoas e, até mesmo, sua autoimagem.

Consequentemente, desde 1995, ele relata a necessidade constante de investir em múltiplas formações, muitas vezes com recursos próprios, a fim de garantir a ampliação e a atualização de seu conhecimento profissional. As falas reforçam que a trajetória formativa na concepção do docente não é estática, mas marcada por mudanças progressivas na visão de mundo, na identidade profissional e na compreensão do papel social do professor.

Como abordado por Enricone (2001), a docência envolve o professor em sua totalidade, sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. Como postulado por Machado (2004) em “Filhos de professores = profissão professor?”, sugere-se que a concepção docente e seu exercício formam um legado em famílias de professores, sendo a profissão, muitas vezes, passada de geração em geração.

A vivência familiar e atuação na educação são parte do íntimo de filhos de professores, fato decorrente da formação desta concepção em seus pais, confirmando o quão intrínseco está o ser professor à essência de cada um. Esta tese pode ser confirmada pelo relato de uma entrevistada, acerca de sua trajetória docente, onde ela informa que afirma que faz parte de uma grande família de professores, tratando a licenciatura como uma vocação natural, onde o chão da escola sempre foi uma continuidade de sua casa.

A concepção docente e a identidade construída integram-se com experiências pessoais e o desenvolvimento da personalidade, de modo que, quando aliadas à vivência em sala de aula e efetivo contato com a prática pedagógica, ressignificam a visão pessoal de cada professor, o qual tem seu íntimo aliado ao “ser docente”, uma simbiose que perpassa genes e constrói legados familiares.

3.2 - Desafios estruturais na educação

A educação é um dos pilares mais importantes para o progresso de qualquer sociedade. Ela é fundamental na formação de cidadãos, no desenvolvimento econômico e na construção do conhecimento. No entanto, o sistema educacional enfrenta vários desafios que dificultam sua eficácia e acabam aumentando as desigualdades já existentes.

Esses obstáculos incluem a falta de recursos, as diferenças regionais, políticas públicas instáveis, a necessidade de mais formação para os professores e limitações no uso da tecnologia. Analisar esses pontos de forma crítica é essencial para entender melhor a situação atual e buscar soluções que possam fazer a diferença.

De acordo com levantamento realizado pelos 32 Tribunais de Contas do país em outubro de 2022, a situação da infraestrutura escolar brasileira apresenta graves deficiências. O estudo identificou que 57% das salas de aula avaliadas eram inadequadas. Além disso, 31% das escolas visitadas não possuíam coleta de esgoto, 8% não tinham coleta de lixo e 82,38% das cozinhas funcionavam sem alvará da Vigilância Sanitária (Brasil, 2022).

A precariedade das condições físicas das escolas representa um obstáculo substancial ao processo de ensino e aprendizagem. Salas de aula superlotadas, ausência de laboratórios, bibliotecas, acessibilidade limitada e instalações deterioradas comprometem o ambiente escolar. A carência de recursos tecnológicos, como computadores e conexão à internet, aprofunda ainda mais o distanciamento entre escolas públicas e privadas (Almeida, 2020).

Nas entrevistas realizadas com discentes da Educação Básica, um dos pontos mais ressaltados foi a questão da falta de estrutura nas escolas em relação a falta de aulas mais dinâmicas, práticas e ao acesso à tecnologia. Essa condição é apontada como um dos principais desafios para a execução de aulas práticas, reforçando ainda mais o cenário da ausência de uma boa estrutura escolar. Em um contexto cada vez mais digital, o acesso desigual às tecnologias torna-se um agravante das desigualdades educacionais. Muitas escolas não possuem equipamentos adequados ou acesso estável à internet. Ao mesmo tempo, grande parte dos alunos não dispõe de dispositivos próprios para estudo, dificultando o aprendizado e o acesso a conteúdos digitais.

A era digital trouxe à tona um grande desafio: a exclusão tecnológica. Muitas escolas ainda não têm computadores, laboratórios de informática ou uma conexão de internet de qualidade. Além disso, muitos estudantes dependem de celulares com acesso limitado, o que torna difícil usar plataformas educacionais e aproveitar os estudos online de forma completa. Um dos alunos cita que a qualidade da aprendizagem seria significativamente elevada com a implementação de mais atividades experimentais e o uso de ferramentas digitais e audiovisuais. Essa abordagem é vista como um meio para

dinamizar as aulas e, consequentemente, facilitar a assimilação e a compreensão dos tópicos abordados pelos alunos.

A soma desses problemas gera consequências importantes, como altas taxas de evasão escolar, repetência, baixo desempenho acadêmico e desigualdade de chances no mercado de trabalho. Quando esses fatores continuam presentes, dificultam o progresso social e econômico, perpetuando ciclos de exclusão e pobreza. Entre as principais consequências estão: baixo desempenho escolar, aumento da evasão e da repetência, desmotivação de alunos e professores, desigualdade no ensino superior e no mercado de trabalho. Uma citação de uma docente fala defende que os obstáculos enfrentados na aprendizagem não são um problema exclusivo da escola, mas sim agravados por elementos externos à instituição.

Fatores sociais, como o desemprego e conflitos familiares, desempenham um papel crucial ao provocar uma perda de interesse generalizada nos estudantes. A superação dos obstáculos estruturais na educação requer um conjunto de iniciativas integradas que incluem investimento, planejamento, gestão eficaz e envolvimento da comunidade. O primeiro passo é garantir uma distribuição mais justa dos recursos públicos, priorizando escolas e áreas que enfrentam maior vulnerabilidade.

A alocação equitativa do financiamento é fundamental para diminuir desigualdades históricas e assegurar que todas as instituições de ensino tenham condições mínimas para funcionar adequadamente. Além disso, é imprescindível investir na melhoria da infraestrutura física e tecnológica, criando ambientes apropriados, seguros e estimulantes, com acesso a bibliotecas, laboratórios, instalações esportivas, acessibilidade e internet de qualidade.

Outro aspecto importante é a valorização dos educadores. A qualidade do ensino está diretamente ligada à formação, motivação e condições de trabalho dos docentes. Por isso, é necessário garantir salários adequados, períodos suficientes para o planejamento pedagógico e programas robustos de formação continuada que integrem teoria e prática. Ao mesmo tempo, a gestão das políticas educacionais deve ser orientada pela estabilidade e continuidade. Mudanças frequentes nas políticas podem prejudicar o avanço educacional; portanto, é vital implementar planos de longo prazo com metas definidas e monitoramento constante.

A inclusão digital também é um dos fundamentos essenciais para enfrentar os desafios atuais. Assegurar que professores e alunos tenham acesso a tecnologias

apropriadas e saibam como usá-las de maneira crítica e produtiva é fundamental para reduzir as desigualdades e expandir as oportunidades de aprendizado. Além disso, fortalecer a conexão entre a escola, a família e a comunidade ajuda a manter os alunos na escola, aprimora a convivência escolar e aumenta a participação coletiva nas iniciativas educacionais.

Finalmente, todas essas abordagens devem estar acompanhadas de sistemas de monitoramento e avaliação contínua, capazes de identificar avanços e corrigir deficiências. Uma educação de qualidade depende de decisões fundamentadas em evidências e de uma gestão comprometida com resultados efetivos. Assim, a superação dos desafios estruturais torna-se viável, desde que exista um engajamento político, social e institucional para tornar a educação uma prioridade nacional.

3.3 - Desafios científicos tecnológicos no contexto educacional atual

É importante discutir como as tecnologias facilitaram a forma de aprender o conteúdo escolar. O avanço dos recursos digitais e das metodologias aplicadas em sala de aula proporcionou uma aprendizagem mais dinâmica e prática. No entanto, é necessário destacar algumas problemáticas envolvidas na utilização desses recursos. Os desafios relacionados ao uso de tecnologias na educação estão, principalmente, ligados à desigualdade de acesso.

Essa desigualdade reflete diretamente a desigualdade social do país. Alunos de classes sociais mais baixas, que compõem a maior parte do público das escolas públicas, dependem apenas do celular para acessar a internet e, muitas vezes, precisam disputar o dispositivo dentro de casa ou contam com dados móveis limitados, o que compromete o aprendizado. Além disso, há problemas estruturais básicos em muitas escolas públicas, como a falta de bibliotecas, quadras ou, em casos mais graves, de energia elétrica.

Esses fatores inviabilizam completamente a instalação e o uso de qualquer recurso tecnológico. Vale ressaltar que, embora haja programas de financiamento público para essas instituições, a ausência de um plano nacional executável, com fontes de financiamento garantidas para conectividade e aquisição de equipamentos pedagógicos como computadores, tablets ou até mesmo lousas digitais. A falta desses materiais atrasa a universalização do acesso.

Nesse sentido, outro fator que contribui para as dificuldades na aplicação da tecnologia na educação é o receio e o despreparo de muitos professores. A principal justificativa para isso é que os cursos de licenciatura no Brasil, historicamente, não incluíram disciplinas ou práticas que ensinassem a integrar as tecnologias digitais de forma pedagógica e crítica. Assim, grande parte dos professores formados há mais tempo não teve essa base curricular no período de formação no ensino superior.

Por consequência, mesmo com a existência de programas e políticas do Governo Federal, coordenados principalmente pelo Ministério da Educação (MEC), que buscam suprir essa lacuna e capacitar os docentes, muitas escolas públicas apresentam infraestrutura precária. Em diversos casos, a conexão de internet é inadequada ou os equipamentos são insuficientes e defasados. Dessa forma, mesmo que o professor receba formação tecnológica, ele não consegue aplicá-la na prática devido às limitações estruturais da escola, o que acaba desmotivando seu uso em sala de aula.

Portanto, além de investir no acesso às tecnologias e na formação docente para utilizá-las como ferramentas didáticas, é fundamental garantir que o conteúdo digital disponibilizado seja de qualidade e alinhado aos objetivos pedagógicos. Um material digital bem estruturado e relevante ajuda o aluno a construir o conhecimento de forma lógica e progressiva, garantindo que o tempo de tela resulte em aprendizado real e não apenas na exibição de vídeos curtos com explicações superficiais.

A internet é um vasto universo de informações, nem todas verdadeiras ou academicamente corretas, por isso, é vital que os materiais utilizados na escola tenham fontes confiáveis, referências sólidas e revisão pedagógica. **Dessa forma**, a qualidade do conteúdo digital é o que transforma a tecnologia de uma simples ferramenta em um potencializador da aprendizagem. Sem essa qualidade, ela pode se tornar apenas uma distração cara e ineficaz.

O docente entrevistado cita que relaciona o desinteresse pela educação a problemas curriculares, à indisposição para aprender e à dificuldade dos estudantes em enxergar a importância e a presença do conhecimento biológico em sua vida cotidiana. Essa perspectiva reforça que o desafio não está apenas no uso das ferramentas tecnológicas, mas em garantir que o conteúdo científico seja trabalhado de forma relevante e contextualizada, estimulando o raciocínio e a visão crítica dos estudantes, de modo a prepará-los para atuar na sociedade tecnocientífica.

3.4 - Adaptação às realidades da educação

“Emoções positivas fortalecem a retenção de informações e promovem um aprendizado mais significativo, que a interação entre emoções e cognição é mediada por processos biológicos e sociais e que a formação docente contínua é essencial para implementar práticas pedagógicas baseadas em evidências científicas” (Do Breviário et al., 2025, p. 848).

Como postulou Do Breviário, verificou-se que o contexto escolar pode ser um ambiente decisivo para reduzir desigualdades educacionais. Assim, em continuidade ao exposto acerca da educação afetiva, pôde-se perceber na entrevista essa visão aplicada à realidade dos docentes abordados, como visto na entrevista com o docente onde) defende que sua atuação se baseia em uma forma afetiva, pois acredita que o vínculo emocional saudável é essencial, o que não a impede de ser extremamente responsável com todos os seus compromissos pedagógicos.

Ao analisar o posicionamento dos docentes entrevistados, foi possível observar que alguns professores, que trabalham em diferentes instituições, usam a “estratégia afetiva”. Na qual o perfil dos discentes é conhecido pelo docente e, mantendo sua postura profissional, o professor busca adaptar formas afetivas de abordar os diversos assuntos em sua aula. Assim, o discente pode compreender melhor, além de registrar, de fato, o que foi visto em sua aula. Cada professor precisa lidar com diferentes perfis em sua sala de aula, variedades sociais, culturais, linguísticas e econômicas. Há a necessidade de adaptação em como as informações serão passadas para haver a captação delas.

No geral, não há tantas dificuldades à essas adaptações, principalmente com relação a linguagem, termos e gírias; Apesar de os professores se depararem com frases e gírias novas e desconhecidas, criando conhecimento mais íntimo, com relação professor - estudante, é possível compreender suas linguagens e, se de sua vontade, aplicá-las com a intenção tornar a compreensão da linguagem mais cotidiana e, consequentemente, fazendo os colegiais ou acadêmicos se familiarizar mais com suas aulas e formas de serem aplicadas.

O discente, como um futuro profissional de ensino, tem a intenção de efetivar seus conhecimentos e conteúdos por meio de práticas didáticas, entretanto, existe uma complexidade além da aplicação técnica da teoria e prática, é necessário humanizar e adaptar, compreendendo seu público-alvo e o ambiente em que será trabalhado. Para ter como resultado adaptação, para melhorar a compreensão dos discentes em suas aulas, os

professores chegaram à conclusão de que é preciso não só falar, mas observar os comportamentos e fazer um mapeamento sociocultural para que, enfim, consiga acompanhar a turma em que está sendo trabalhada.

Assim como foi observado na busca por métodos de ensino eficientes, incluem-se táticas concretas como: o exercício da escuta atenta, a manutenção de um diálogo ininterrupto e a elaboração de um levantamento sociocultural detalhado do grupo de alunos. Além disso, propõe-se a inclusão de referências culturais pertinentes ao contexto da turma dentro do currículo e a aplicação da aprendizagem fundamentada em projetos como uma metodologia de ensino. Portanto, a conclusão com relação à adaptação dos docentes no contexto social, linguístico, econômico, entre outros fatores, no grupo dos seus discentes é que ser professor não consiste apenas aplicar o conteúdo e ser exclusivamente ‘ele’ (o professor) falando, mas também é preciso ouvir, observar, entender, filtrar e, finalmente, aplicar seus conhecimentos para haver a compreensão dos estudantes que o assistem. Podendo ser algo fácil e uma experiência de fato marcante, trazendo mais conhecimento tanto para os estudantes quanto para os professores.

3.5 - Desvalorização do professor docente

"A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto." (Ribeiro, Darcy. Companhia das Letras, 1995.)

A desvalorização docente no Brasil não é um problema recente nem passageiro. Como já observava Darcy Ribeiro, ela ultrapassa a ideia de crise e reflete um verdadeiro projeto de Estado. Suas origens estão ligadas à própria formação histórica do país, marcada por exclusão social e desigualdade, e ganharam forma mais clara durante o Regime Militar de 1964.

Com o passar dos anos, políticas que fragilizaram o trabalho do professor e a manutenção de um sistema educacional desigual acabaram reforçando esse cenário. Hoje, no ensino básico, os relatos de docentes revelam uma rotina de sobrecarga, baixos salários e pouca valorização profissional.

Neste subcapítulo, serão apresentadas e analisadas as percepções desses profissionais docentes sobre as causas e consequências da desvalorização da docência no país. Nas entrevistas realizadas com esses docentes, um dos pontos mais recorrentes foi a questão da remuneração inadequada em relação ao trabalho que exercem. Esse fator é

apontado como um dos principais desafios para a execução da profissão, reforçando ainda mais o cenário de desvalorização social da profissão.

O salário representa, de forma concreta, um reconhecimento social. Quando a remuneração dos professores é inferior à de outras profissões com o mesmo nível de formação, transmite-se a mensagem de que o trabalho docente “vale menos” para a sociedade. Essa percepção afeta não apenas a motivação desses profissionais, mas também a atratividade da carreira, já que menos pessoas se sentem incentivadas a ingressar ou permanecer na docência.

Outro aspecto destacado nas falas dos entrevistados diz respeito à sobrecarga de trabalho e à falta de infraestrutura adequada nas instituições de ensino. Segundo eles, muitas escolas não oferecem as condições mínimas para um ensino de qualidade, o que obriga o professor a atuar em condições adversas. Em muitos casos, o próprio docente precisa encontrar soluções por conta própria e até custear materiais didáticos para garantir que seus alunos aprendam.

Além das salas de aula superlotadas, ausência de recursos pedagógicos, estrutura física precária e o acúmulo de turmas são situações que tornam o ambiente de trabalho desgastante e improdutivo. Ainda, a necessidade de complementar a renda trabalhando em mais de uma escola reduz o tempo disponível para planejamento de aulas, formação continuada e atualização pedagógica. Isso impacta diretamente o desempenho do professor e, consequentemente, a aprendizagem dos alunos. Assim, cria-se uma imagem distorcida de que o “professor não ensina bem”, quando na verdade o problema é estrutural e sistêmico.

"Para permanecer no ensino hoje e amanhã, os professores necessitam de condições na escola que os apoiem e criem oportunidades para trabalharem com outros educadores em comunidades de aprendizagem profissional, em vez de fazê-lo de maneira isolada" (M. Cochran-Smith, 2004, p.391).

Como aponta Marilyn Cochran-Smith, os docentes necessitam de apoio institucional e governamental para exercer plenamente sua função. Esse apoio não se restringe apenas à dimensão financeira, mas envolve também reconhecimento, valorização e condições reais de trabalho que possibilitem a oferta de uma educação de qualidade. Apesar das diversas dificuldades apresentadas pelos professores, muitos também expressam um forte sentimento de esperança e de relevância em relação à profissão docente.

Mesmo diante de tantos desafios, há a percepção de que o papel do professor continua sendo insubstituível, pois nenhuma tecnologia é capaz de substituir a atuação humana em uma educação verdadeiramente crítica. O professor, nesse sentido, permanece como uma figura central no processo formativo, lembrado e respeitado por sua contribuição essencial ao desenvolvimento humano e social. Ainda assim, os docentes ressaltam que essa relevância precisa ser constantemente reafirmada e defendida, especialmente diante do avanço de processos neoliberais que tendem a reduzir a educação a um produto ou serviço.

O futuro da docência, portanto, se desenha como um movimento duplo: de um lado, a manutenção de seu papel essencial e humano; de outro, o enfrentamento de novos desafios que exigem ressignificar a profissão frente às transformações tecnológicas e sociais. O docente entrevistado salienta a importância crucial do professor, defendendo que nenhuma inovação tecnológica tem a capacidade de substituí-lo no desenvolvimento de uma Educação Crítica.

Contudo, há uma ressalva: se a estrutura educacional ceder às pressões do neoliberalismo, ferramentas como o ChatGPT se limitarão a ser meros instrumentos de geração de dados e informações, falhando em promover a construção de conhecimento de qualidade e com profundidade. Nesse contexto, a substituição do trabalho docente por tecnologias, como o uso de sistemas automatizados de geração de conteúdo, pode até produzir informações, mas dificilmente contribuirá para uma educação crítica, reflexiva e transformadora, sendo o verdadeiro propósito da prática educativa.

Conclui-se que, apesar do cenário desafiador, persiste entre os docentes um forte sentimento de esperança e o reconhecimento da relevância insubstituível da profissão. Ao longo deste subtítulo, observou-se que a docência requer apoio em múltiplas dimensões: institucional, governamental e social, para oferecer aos alunos uma educação de qualidade e garantir aos professores condições dignas de trabalho e reconhecimento por seus esforços.

Superar os desafios da desvalorização passa, também, pelo desafio de desmistificar as visões equivocadas sobre o ser professor, que ainda contribuem para a degradação da imagem da profissão. Mais do que nunca, é necessário reafirmar o valor humano, social e transformador da docência, reconhecendo que é por meio dela que se constrói uma educação verdadeiramente crítica e emancipadora.



CAPÍTULO 4

DO ENSINO BÁSICO AO SUPERIOR: PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E A FORMAÇÃO DOCENTE

Alisson Crizanton Alves Lima; Kelry Jaíny Café Lecio Santos; Laisa Araujo Oliveira; Rebeca dos Anjos Sena Silva; Roberty Kauê Costa Cerqueira; Ruan Brito França Lau; Sérgio Liberato dos Santos Júnior; Vanessa dos Santos Silva

DOI: 10.29327/5768843.1-4

Neste capítulo, vamos nos aprofundar nas percepções sobre o ensino em sala de aula, especialmente no que diz respeito ao aprendizado em Ciências Biológicas e às visões que estudantes da educação básica e superior constroem sobre seus professores. A partir dos relatos coletados, busca-se apresentar uma análise ampla, profunda e multifacetada das práticas pedagógicas, dos desafios estruturais presentes nas escolas e dos processos que constituem a identidade docente. As experiências empíricas, as entrevistas e as referências teóricas e culturais reunidas compõem um panorama que evidencia a complexidade do cenário educacional, permitindo compreender como docentes e discentes vivenciam, interpretam e significam o processo de ensino-aprendizagem em Ciências/Biologia.

4.1 - Perspectivas nos estudos

A formação de professores na área de Biologia é um processo complexo, que envolve a combinação da história de vida, experiências acadêmicas, emoções e percepções sobre a educação. Entender como os estudantes veem seus estudos e sua futura profissão

requer considerar não só o conteúdo científico, mas também como suas trajetórias são influenciadas por valores, expectativas, desafios e fatores socioculturais. Por isso, refletir sobre a construção da identidade docente significa reconhecer que ela não surge pronta, mas é resultado de interações, observações, confrontos e descobertas que ocorrem dentro e fora da sala de aula, dialogando com questões atuais, a realidade escolar e o papel do professor na sociedade.

Além disso, a formação inicial precisa ser vista à luz das condições reais de trabalho, dos modelos de ensino vivenciados e das representações sociais sobre o ato de ensinar. Obras como o filme **O Substituto (1996)** mostram, mesmo em um contexto dramático, conflitos presentes no cotidiano escolar: violência simbólica, falta de apoio, desmotivação dos alunos e sobrecarga emocional dos professores. Embora a realidade dos licenciandos não seja igual à do filme, ele ajuda a entender como a docência é afetada por aspectos sociais e institucionais e por que muitos futuros professores desenvolvem uma postura crítica, reflexiva e comprometida com mudanças possíveis na escola.

Com essa visão mais ampla, percebe-se que, ao refletirem sobre suas trajetórias e perspectivas profissionais, os estudantes destacam elementos que atravessam tanto suas motivações iniciais quanto suas experiências durante a graduação. Muitos relatam que o interesse pela Biologia frequentemente ligado à curiosidade sobre os seres vivos, o meio ambiente e fenômenos naturais, se unem a habilidades pessoais como comunicação, liderança e vontade de ensinar. Alguns também mencionam a influência de professores marcantes, confirmando a ideia de que a identidade docente se constrói na relação com outras pessoas e com experiências pedagógicas que inspiram e dão sentido à escolha profissional.

A vivência universitária é um ponto de virada nessa construção da identidade, especialmente pelas discussões que vão além do conteúdo científico, abordando temas como ciência, tecnologia, sociedade e educação. Os estudantes afirmam que essas reflexões ampliaram sua visão sobre o papel social do professor de biologia, aproximando a formação das perspectivas freirianas, onde ensinar está ligado ao desenvolvimento da consciência crítica e à leitura de mundo. Nesse processo, muitos passam a ver a docência como uma prática política e humanizadora, marcada pelo diálogo, escuta e responsabilidade social.

Ao mesmo tempo, os desafios da formação inicial revelam tensões importantes. Há relatos sobre a distância entre teoria e prática, a falta de recursos nas escolas e a

precarização das condições de trabalho, aspectos que, embora mais extremos no filme *O Substituto*, refletem a realidade brasileira. A infraestrutura limitada, a escassez de materiais didáticos e a diversidade das turmas exigem que o professor seja flexível, criativo e capaz de mediar situações. As experiências práticas, como monitorias, estágios e projetos de extensão, são essenciais, pois ajudam o estudante a compreender o cotidiano escolar em suas nuances, desafios e potencialidades.

Essas experiências formativas também levam a reflexões profundas sobre o papel do professor como agente de transformação. Muitos estudantes dizem que o contato direto com as turmas, mesmo com dificuldades, fortaleceu sua compreensão da importância da docência. Impactos emocionais, sucessos e situações inesperadas provocam ressignificações que contribuem para o amadurecimento profissional, aproximando o estudante da ideia freireanas de que ensinar exige coragem, sensibilidade e compromisso ético.

Quanto às perspectivas futuras, os relatos mostram uma mistura de esperança e preocupação. Embora haja entusiasmo em contribuir para a formação crítica e cidadã dos alunos, também existe apreensão com a instabilidade profissional, os baixos salários e a sobrecarga de funções na rotina docente. Ainda assim, muitos planejam continuar estudando, investir em especializações ou mestrado e buscar concursos públicos, reconhecendo que a formação continuada é parte essencial da carreira. Também entendem que ser professor hoje significa enfrentar desafios estruturais, mas que ao mesmo tempo oferece oportunidades únicas de impacto social, algo simbolizado na relação entre o personagem principal de *O Substituto* e seus alunos, mesmo em meio ao caos.

No geral, as perspectivas analisadas mostram que a identidade docente se forma a partir da combinação entre motivações pessoais, experiências acadêmicas, práticas e percepções do contexto educacional. Tornar-se professor é um processo de reconstrução constante, marcado por descobertas, tensões, dúvidas e confirmações ao longo da formação. Assim, os estudantes entendem que a docência é uma prática intelectual, afetiva e social, com desafios persistentes, mas também com grande potencial de transformação. Essa consciência reforça que, apesar das dificuldades estruturais e emocionais da profissão, permanece viva a crença na educação como ferramenta de mudança, na ciência como linguagem crítica e no professor como mediador fundamental na construção de

sujeitos mais autônomos, sensíveis e preparados para interagir de forma consciente com o mundo.

4.2 - Discussões relacionadas ao ensino de Ciências e/ou Biologia

As entrevistas com estudantes do Ensino Básico revelaram uma visão crítica sobre as aulas de Biologia. Os alunos apontaram a necessidade de maior foco em atividades práticas como experimentos, projetos, dinâmicas, aulas de campo e visitas a laboratórios que aproximem teoria e prática e despertem curiosidade científica. Também destacaram o uso insuficiente de recursos visuais e tecnológicos para tornar o aprendizado mais dinâmico. Em contrapartida, criticaram o excesso de tarefas repetitivas e pouco significativas, que sobrecarregam sem aprofundar o conteúdo e acabam desmotivando.

Em uma das entrevistas, um estudante expressou que precisavam de poucas atividades e acrescentar foco em outras áreas, pois constantemente são atropelados por vários trabalhos supérfluos que acabam não agregando conhecimentos de forma efetiva sobre o tema proposto. Assim, sendo apenas atividades e mais atividades, sem promover uma reflexão acerca do conteúdo.

Esta realidade, segundo o estudante, é recorrente, ou seja, estão sempre passando um conteúdo novo, atividades novas sem focar na ação central que é o aprendizado. Para esse estudante, é mais fácil passar atividades toda hora do que ensinar de forma correta, ou seja, tornar o conteúdo significativo para eles. Essa fala traz uma crítica muito direta e contundente ao modelo de ensino baseado em excesso de tarefas e trabalhos repetitivos, expressando frustração com excesso de atividades e trabalhos e poucos projetos e aulas práticas capazes de promover a formação crítica dos estudantes.

Deixar os estudantes com muitas tarefas pode dar a impressão de produtividade, mas sem reflexão e orientação, tornar apenas sobrecarga, ou seja, seguindo uma perspectiva da racionalidade técnica. No sentido de superar essa perspectiva tecnicista e tradicional, os estudantes sinalizaram algumas alternativas, como maior investimento em aulas de campo e momentos de interação, que ampliariam a relação entre teoria e prática, aproximando o conhecimento científico da realidade cotidiana. A interação entre professores e alunos foi apontada como elemento essencial para tornar as aulas mais significativas. Os estudantes destacaram que momentos de diálogo, escuta ativa e participação conjunta favorecem a construção do conhecimento.

Os estudantes relatam experiências positivas e memoráveis vivenciadas nas aulas de Biologia, destacando dinâmicas sobre as células. Nessa experiência, a estudante explicita, que teve uma aula dinâmica onde a prática era fazer atividades envolvendo alguns papéis com células impressas nelas, e os alunos cortavam, montavam e explicavam o conhecimento de cada um sobre as células. Embora aparente ser uma atividade simplória, para aquela estudante, superou o modelo convencional, tornando o aprendizado mais dinâmico.

Outro momento marcante para um aluno foi a visita a um laboratório escolar, ainda que desativado, que proporcionou contato com instrumentos científicos e despertou curiosidade sobre a prática profissional, algumas práticas investigativas de tipo sanguíneo e atividades com DNA, que favoreceram maior envolvimento e interesse pela disciplina. Essas experiências marcantes relatadas pelos alunos revelam que o ensino de Biologia ganha força quando se apoia em práticas interativas, lúdicas e contextualizadas.

Dinâmicas, experimentos, visitas e recursos audiovisuais não apenas ampliam a compreensão dos conteúdos, mas também despertam curiosidade, motivação e interesse pela ciência (Marandino, 2016). No Entanto, alguns estudantes afirmaram não ter vivenciado aulas que pudessem ser consideradas marcantes ou diferenciadas. Esses alunos destacaram que as atividades realizadas eram, em sua maioria, tradicionais e repetitivas.

A ausência de práticas interativas, experimentos ou dinâmicas fez com que o aprendizado fosse percebido como desmotivador, sem despertar curiosidade ou interesse pela disciplina em geral. A ausência de experiências significativas também evidencia uma lacuna pedagógica: quando não há práticas diferenciadas, os estudantes tendem a associar a disciplina a algo distante de sua realidade, sem conexão com o cotidiano ou com aplicações práticas. Isso pode comprometer não apenas o interesse imediato, mas também a formação de uma visão crítica e científica.

Alguns relatos também evidenciam que determinadas aulas foram capazes de agregar efetivamente ao aprendizado dos alunos. Entre os exemplos citados, um estudante falou que a compreensão da aula administrada, é um aprendizado que auxilia a entender de forma melhor a matéria. Ou seja, o planejamento das aulas, no que tange ao tempo de duração das aulas, os conteúdos selecionados, os recursos metodológicos e didáticos, é fundamental para promover um aprendizado efetivo aos estudantes, desde que busquem superar o modelo convencional.

Essas experiências relatadas pelos estudantes foram percebidas como oportunidades de ampliar a noção de mundo docente, indo além da teoria apresentada em sala. Os estudantes ressaltaram que essas aulas despertaram interesse pela Biologia, tornando mais atrativa e significativa a aprendizagem. No ponto de vista dos alunos, as aulas que agregaram aprendizado foram aquelas que romperam com a rotina tradicional, fugindo da didática de apenas escrever no caderno, mas trazendo uma dinâmica rica e práticas interativas.

A análise das entrevistas realizadas com estudantes da Educação Básica evidencia que o ensino de Biologia é percebido de duas formas: por um lado, há experiências marcantes que despertaram curiosidade, motivação e ampliaram a compreensão de conteúdos complexos; por outro, muitos alunos relataram a ausência de práticas significativas, apontando para aulas excessivamente tradicionais e pouco interativas.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de repensar o ensino de Biologia e das demais matérias, investindo em estratégias que valorizem a participação dos alunos, o uso de tecnologias, as aulas de campo e a integração entre teoria e prática. Reforça que o ensino de Biologia no Ensino Básico deve ser compreendido não apenas como transmissão de conteúdos, mas como um processo dinâmico e contextualizado, capaz de formar sujeitos críticos, curiosos e preparados para compreender o mundo sob a perspectiva científica.

4.3 - Percepções dos estudantes sobre os professores de Biologia/Ciências

A análise das entrevistas realizadas com estudantes da Educação Básica evidencia percepções diversas sobre o trabalho dos professores de Biologia/Ciências, revelando tanto reconhecimento quanto críticas às práticas vivenciadas em sala de aula. De modo geral, os alunos afirmam que um bom professor é aquele que apresenta clareza na explicação, domínio do conteúdo e uma postura sensível às dificuldades da turma. Aspectos como empatia, paciência, criatividade e capacidade de tornar o conteúdo acessível foram constantemente mencionados como qualidades essenciais para o ensino de Biologia.

As falas dos estudantes também revelam diferenças significativas entre professores mais tradicionais e aqueles que adotam metodologias dinâmicas. Alguns alunos relatam experiências negativas em que as aulas eram “paradas”, baseadas apenas

na escrita no quadro e em atividades extensas e pouco significativas, o que gerava desinteresse. Por outro lado, quando descrevem professores que dialogam, explicam de maneira leve e aproximam o conteúdo da realidade, os estudantes demonstram maior entusiasmo e envolvimento.

Essas percepções reforçam a defesa do filósofo e epistemólogo Jean Piaget e também a ideia central do pensamento aristotélico sobre a importância da motivação e do despertar do intelecto no processo de aprendizagem, em vez de apenas a transmissão passiva de conhecimento. Conforme é apontado na entrevista e na reflexão de Aristóteles: “*O professor não é somente o que mais consegue ensinar, também é o que consegue influenciar no aluno a vontade de aprender.*” Assim, como: “*A alegria que se tem em pensar e aprender faz-nos pensar e aprender ainda mais.*” (Aristóteles. Filósofo Grego. século IV d.C.).

Assim, o docente valorizado pelos estudantes é aquele que consegue mobilizar interesse, provocar curiosidade e favorecer a construção ativa do conhecimento. O papel do professor como inspiração também aparece de forma marcante nos relatos. Alguns alunos afirmam que o jeito didático ou a forma de interação do professor despertou neles maior interesse pela Biologia, demonstrando o impacto que uma postura motivadora pode exercer no processo de aprendizagem.

Essa percepção aproxima-se da mensagem transmitida no filme Mãoz Talentosas (2009), que apresenta a trajetória de Ben Carson e a importância de professores que acreditam no potencial dos estudantes. Assim como Carson encontrou educadores que lhe ofereceram apoio e incentivo, muitos alunos entrevistados destacam que seus professores de Biologia exercem função semelhante ao criar um ambiente favorável ao aprendizado, mesmo diante de limitações estruturais.

Além da dimensão afetiva e motivacional, os estudantes ressaltam a importância das aulas práticas, consideradas fundamentais para entender e fixar o conteúdo. Atividades como experimentos, dinâmicas, projetos e visitas a laboratórios são vistas como momentos em que a Biologia “ganha vida”, permitindo compreender o que antes parecia abstrato. Entretanto, alguns relatam que a ausência dessas práticas contribuiu para tornar a disciplina menos interessante, indicando que o potencial da Biologia depende também de condições adequadas de ensino.

Os estudantes demonstram ainda consciência das dificuldades enfrentadas pelos professores, como falta de recursos, limitação de tempo e exigências institucionais. Apesar

desses desafios, reconhecem o esforço de muitos docentes que, mesmo com condições restritas, buscam estratégias para tornar as aulas mais significativas.

Em síntese, as percepções dos estudantes evidenciam que o professor de Biologia é valorizado quando alia conhecimento, didática e sensibilidade humana. Tanto Piaget quanto o filme Mão Talentosas ajudam a compreender essas expectativas estudantis: o ensino é mais eficaz quando desperta vontade, curiosidade e autonomia. Assim, os relatos apontam para a necessidade de práticas que integrem teoria e experimentação, diálogo e acolhimento, fortalecendo a relação entre professor, aluno e ciência.

4.4 - Trajetórias na formação discente

O processo de ensino-aprendizagem, a partir da perspectiva discente, permeia a constante necessidade de manutenção da motivação, sendo uma temática central na trajetória e formação dos alunos. Como propôs Moraes e Varela (2007), a motivação pode ser entendida como um processo que incita uma conduta, mantendo uma atividade em progressão, canalizando para um determinado sentido. Destarte, quando questionados acerca da motivação para aprender os conteúdos e manter uma dedicação aos estudos na escola, alguns discentes expuseram que;

A percepção foi que, para eles, a motivação para estudar está fortemente ligada ao desejo de construir um futuro melhor. Alguns destacaram que buscam uma boa formação, pretendem alcançar seus objetivos profissionais e querem estar preparados para os desafios da faculdade e da vida, além de aprender coisas novas. Outros afirmaram que estudam para desenvolver uma visão positiva de futuro e criar oportunidades que os beneficiem mais adiante. Também foi mencionado que, em certos casos, a competitividade entre os colegas funciona como um incentivo para se dedicar mais aos estudos.

A execução de atividades dinâmicas é essencial para manter uma atenção dirigida, sendo efetivas no processo de ensino-aprendizagem, entretanto, essa constante motivação não advém apenas do compromisso profissional do docente, sendo exigido do aluno uma motivação intrínseca. Sendo esta compreendida a partir de Burochovitch e Bzuneck (2001), como uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos.

Assim, infere-se que a trajetória discente se mantém a partir de uma união de fatores externos e internos, sendo estes incentivados ou mitigados pelo meio escolar,

como visto no tocante à estrutura física, dos aportes de recursos para projetos e oportunidades ofertadas aos alunos. A dualidade da realidade na trajetória de cada aluno demonstra a heterogeneidade do ensino básico no cenário brasileiro, de modo que, ao confrontar dois relatos de estudantes acerca da infraestrutura escolar, temos vivências tão distintas e, consequentemente, perspectivas tão discrepantes acerca do ensino;

Os alunos apresentaram percepções distintas sobre a estrutura da escola. Alguns comentaram que o ambiente físico é adequado, com salas apropriadas e a presença de certos recursos, como laboratório e biblioteca. Por outro lado, também foi apontado que a escola enfrenta condições bastante precárias, especialmente devido ao período de obras. Mesmo antes da construção, já havia a falta de recursos que poderiam ampliar o aprendizado dos estudantes, como a ausência de um laboratório bem estruturado.

Esses pontos de vista tão distintos impactam diretamente nas ferramentas didáticas e pedagógicas utilizadas pelos professores. Tal fato cria obstáculos significativos para a vivência de experiências marcantes no ensino pelos alunos, em especial nas aulas de Biologia, os quais foram demonstrados no comparativo dos relatos estudantis acerca da realização de aulas interativas e/ou atividades não convencionais marcantes nos últimos meses.

Existem experiências bem diferentes em relação às aulas marcantes. Alguns mencionaram que já participaram de uma aula bastante interativa, com uso de vídeos e uma prática sobre DNA, na qual realizaram uma atividade para compreender melhor sua extração e estrutura. Segundo eles, essa abordagem tornou a aula mais interessante e facilitou muito a compreensão do conteúdo, despertando maior interesse pela Biologia. Em contraste, houve quem afirmasse não ter tido nenhuma aula que considerasse realmente significativa ou marcante.

Como postulado por Saldanha (2019), o aluno admira determinadas qualidades pessoais e profissionais do seu professor, como entusiasmo e prontidão. As quais são demonstradas não apenas pela restrição ao mero ensino do conteúdo, mas na manutenção do interesse e motivação dos alunos, assim como na disposição em sempre ajudá-los. Essa estrita relação molda a trajetória da formação discente, embora esta tenha que lidar com as limitações no âmbito educacional e pedagógico em muitas escolas do ensino básico no Brasil. Tais entraves estruturais, como os supracitados pelos alunos, tornam o uso de ferramentas didáticas meios de fortuna no processo de ensino-aprendizagem na relação discente/docente.

4.5 - Adaptação às realidades da educação

A formação inicial cumpre um papel essencial na criação de um perfil docente. Nela, o discente licenciando entra em contato com as diferentes realidades educacionais, podendo participar de projetos ou monitorias que lhe trazem experiência e o desenvolvimento de habilidades para lidar com as dificuldades e situações que serão habituais em sua profissão, fora dos conceitos teóricos e, assim, podendo lidar com as situações com maior precisão.

Segundo Darling-Hammond (2015), uma contribuição importante da formação docente é que ela desenvolve as habilidades dos professores para examinar o ensino sob a perspectiva dos alunos, que trazem diferentes experiências e referências à sala de aula. Por esse motivo, a identidade docente já começa a ser formada através das experiências vividas e adaptações dos discentes às realidades, dificuldades e necessidades da sociedade, através da aprendizagem prática, em contato com o seu ‘público-alvo’ (aprendizes), fazendo com que sua forma de ensinar atinja de forma positiva, e com bons resultados, a sua turma trabalhada.

Uma importante adaptação à realidade da educação pela qual os discentes passam é o entendimento de que ser professor não é apenas transmitir conteúdo, mas também entender que ser uma entidade docente é saber ser um mediador e um agente transformador do seu meio. Obtendo uma função social, científica, econômica e cultural. O discente aprende a se adaptar para que, em sua carreira, possa fazer o conhecimento atingir todas as pessoas, independentemente da etnia, classe social, situação financeira, gênero, deficiência, religião etc.

Os estudantes aprendem, por exemplo, com experiências de monitorias que existem muitas lacunas no ensino básico. Problemas como a falta de recursos, de conhecimento que, teoricamente, são básicos e essenciais, podendo faltar disciplinas, assuntos a serem abordados, entre outros, acabam sendo notados com esse tipo de experiência. Por esse motivo, os discentes consequentemente entendem que é necessário fazer adaptações na sua forma de ensinar, quando cumprirem seu papel como docentes.

Não podendo esperar que todos saibam mexer em certos aparelhos e itens ou, por exemplo, saber um conteúdo de ensino fundamental e médio. Por esse motivo, é necessário respeitar o ponto de partida que será abordado, para que não apenas dê um

conteúdo, mas faça os estudantes entenderem e absorverem o que de fato é o assunto. Como visto na fala de um dos discentes entrevistados:

É destaque que muitos estudantes chegam ao ensino superior com diversas lacunas deixadas pela formação básica, em alguns casos, os professores supõem que o aluno já domina certos conceitos, quando na verdade ele ainda está construindo esse conhecimento. Para eles, essas dificuldades têm relação direta com a precarização da educação básica, marcada pela falta de estrutura e pela sobrecarga docente. Como futuros professores, afirmou que pretende sempre considerar o conhecimento prévio dos alunos e partir dele, em vez de apenas seguir rigidamente a ementa da disciplina, buscando construir o aprendizado de forma conjunta.

Além de se adaptar à sua turma, os discentes aprendem a se adaptar ao ambiente em que estão trabalhando, com os recursos disponíveis. Nem sempre terão acesso a todos os recursos desejados, precisando, então, se adaptar com o que pode fornecer a sua sala. Nem sempre as instituições de ensino terão aulas práticas laboratoriais ou outras saídas de campo, por esse motivo é preciso se adaptar com desenhos, recortes ou, se possível, slides - entre outros recursos - que mostram imagens sobre o conteúdo a ser abordado, caso necessário.

Como relatado por um aluno, onde ele participou de uma dinâmica em que recebiam papéis com desenhos de células, recortavam as partes e montavam a estrutura. Depois, cada um explicava o que havia entendido sobre a célula e seus componentes. Existem várias adaptações que os discentes têm que passar no processo de construção da sua identidade docente. Dentre elas, a adaptação do fortalecimento das suas próprias decisões, tomando-as e as seguintes sem deixar que façam interferências externas nelas, para que o desencorajamento não o faça levar a desistência.

Muitos discentes passam pela abominação e desaprovação da ideia de ser um professor, tendo que lidar com a descrença social, falta de recursos, inadequação da remuneração e apoio e assistência na área, falta de reconhecimento e estigmas como “vai passar fome”, “coitado, vai se estressar tão novo...” entre outras falas que servem para discriminar e desencorajar os discentes a seguirem sua carreira decidida. Por esse motivo, os licenciandos precisam relembrar o que os levou e inspirou a estar estudando para ser um docente na área de biologia e seguir firme em sua decisão.

Os discentes passam por muitas provas de ‘fidelidade’ a sua futura carreira, mas muitos se mantêm esperançosos, com a intenção de fazer a diferença e poder agir como, de fato, um agente transformador. Como observado em parte da entrevista, que:

O professor costuma manter um olhar otimista sobre o futuro da profissão docente, embora reconheça que existem inúmeros desafios que impactam o trabalho cotidiano. Entre eles, destacou a desvalorização da carreira, a remuneração insuficiente, a sobrecarga de tarefas, a falta de infraestrutura adequada e a ausência de apoio à saúde mental dos educadores, fatores amplamente discutidos em pesquisas da área. Ainda assim, ressaltou que a educação ensina a importância de manter a esperança em dias melhores, pois aceitar a ideia de fracasso seria admitir que o sistema venceu e que não há mais possibilidades de ação.

4.6 - Desvalorização do profissional docente

A desvalorização do papel do professor é um assunto que gera muitas discussões no contexto educacional do Brasil, tendo um impacto direto na qualidade do ensino e nas interações dentro das instituições de ensino. Embora seja frequente abordar essa questão a partir da perspectiva dos educadores, é igualmente essencial entender como os alunos observam esse fenômeno. A percepção dos estudantes não apenas ilumina como eles veem a função do professor, mas também como essa visão afeta sua aprendizagem, atitude e sua ligação com o ambiente escolar.

Portanto, abordar a desvalorização dos docentes pela ótica dos alunos possibilita uma ampliação das discussões, uma melhor compreensão de suas origens e uma reflexão sobre possíveis soluções para fortalecer a profissão. Sob a perspectiva dos estudantes, a desvalorização dos professores se revela em várias facetas do dia a dia escolar. Diversos alunos comentam que notam que seus educadores lidam com remunerações reduzidas, uma quantidade excessiva de trabalho, classes superlotadas, escassez de recursos e estruturas inadequadas.

Essas percepções fazem com que os alunos entendam que, muitas vezes, o professor enfrenta dificuldades que vão além do simples ato de ensinar, como é citado por uma aluna na entrevista, de que reconhece a grande importância da profissão docente, ressaltando que, sem os professores, muitos aprendizados simplesmente não aconteceriam. Porém, também a carreira se torna desanimadora pela falta de valorização, pela paixão de ensinar, até consideraria a profissão, mas que, devido ao salário e às condições de trabalho, não escolheria seguir esse caminho.

Uma visão frequente compartilhada pelos alunos é a crença de que a sociedade, de maneira geral, não reconhece de forma adequada a relevância dos educadores. Essa percepção se reflete na mídia, em discursos coletivos e até na atitude de parentes, que

quase nunca enfatizam a significância da profissão docente. Essa situação impacta a maneira como os estudantes interagem com seus professores: para alguns, essa falta de valorização leva à ausência de respeito, à desmotivação e a comportamentos indesejados, complicando ainda mais a rotina escolar para os educadores.

Além disso, vários alunos percebem que a desvalorização dos professores afeta diretamente sua própria aprendizagem. Educadores desmotivados, sobre carregados ou emocionalmente afetados podem ter menos disposição para elaborar aulas, oferecer atendimento individual ou criar métodos de ensino inovadores. Assim, os alunos entendem que a deterioração da carreira docente não afeta somente os professores, mas também compromete a qualidade da educação que recebem.

Por outro lado, existem alunos que valorizam imensamente o trabalho dos educadores e reconhecem o esforço contínuo de seus professores em ensinar, mesmo diante de diversos obstáculos. Esses estudantes veem os professores como figuras essenciais para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal, o que destaca a necessidade de políticas e iniciativas que valorizem e respeitem a profissão.

A desvalorização dos educadores, vista através dos olhos dos alunos, apresenta um panorama alarmante, porém cheio de oportunidades para mudança. Os alunos notam não apenas as dificuldades que os professores enfrentam, mas também os efeitos diretos dessas questões no aprendizado. Simultaneamente, eles mostram empatia ao reconhecer o trabalho árduo dos educadores e sua importância na sociedade.

Portanto, entender a perspectiva dos estudantes é essencial para destacar a relevância da valorização da profissão docente, estimular reformas necessárias e criar um ambiente escolar que seja mais respeitoso, inspirador e eficaz. Assim, valorizar os professores significa, em última análise, valorizar a educação e o futuro dos próprios alunos.

4.7 - Metodologias em conflito: a percepção prática de docentes e discentes

A análise das entrevistas permite identificar um ponto central de tensão no ambiente escolar: a metodologia de ensino. Existe um movimento claro de ruptura com modelos tradicionais, percebido de formas distintas por quem ensina e por quem aprende. Enquanto os professores encaram essa mudança como uma evolução da identidade

profissional, os alunos a veem como uma necessidade urgente para a manutenção do interesse e da compreensão.

4.7.1 A ressignificação da prática na visão docente

Para os professores, a construção da identidade docente está ligada ao abandono de práticas consideradas antigas. A experiência em sala de aula atua como ativo principal dessa mudança, onde o professor deixa de se ver apenas como um transmissor de informações para assumir o papel de mediador. Essa transição é evidenciada na fala da Professora 04, que relata uma decisão consciente de romper com os métodos que vivenciou enquanto aluna;

A professora explicou que, já em sua primeira formação, em 1995, havia um propósito claro de romper com métodos tradicionais e repetitivos como cópias e cruzadinhas que marcaram sua própria experiência escolar. Desde então, ela tem buscado desenvolver uma prática pedagógica mais significativa, participativa e centrada no aluno.

Nesse sentido, a docência é compreendida não como uma atividade estática, mas como um exercício contínuo de adaptação e reflexão sobre a teoria e a prática. A busca por conectar o conteúdo à realidade do aluno torna-se uma prioridade, superando a simples exposição conteudista em favor de uma abordagem que considere o contexto social e cultural dos estudantes.

4.7.2 A demanda por interatividade na visão discente

Sob a ótica dos alunos, a metodologia utilizada em sala é o fator determinante para o engajamento ou para a apatia. Há uma crítica contundente ao excesso de atividades teóricas repetitivas que não geram aprendizado real, como expressado por um dos estudantes, comentou que acredita que deveria haver menos atividades e mais foco em conteúdos realmente significativos, pois, segundo ele, muitas tarefas passadas acabam sendo inúteis e não contribuem para a aprendizagem. Afirmou que preencher os alunos com atividades e trabalhos o tempo todo é fácil, mas que o verdadeiro desafio é ensinar de forma efetiva.

Em contrapartida, a receptividade a aulas práticas e interativas é imediata. Quando questionados sobre experiências marcantes em Biologia, os relatos convergem para

momentos de experimentação e visualização concreta, que facilitam a fixação do conteúdo. A prática pedagógica que sai do tradicional é celebrada pelos discentes, destacaram que as aulas se tornam muito mais interessantes quando incluem atividades práticas e recursos interativos. Um deles relatou ter participado de uma aula com vídeos e uma prática sobre DNA, na qual realizaram uma atividade para compreender sua extração e estrutura, o que facilitou bastante a aprendizagem.

Outro aluno comentou que o aprendizado seria mais envolvente se houvesse mais dinâmicas e aulas práticas, pois esse tipo de abordagem ajuda a compreender o conteúdo de forma mais concreta e significativa. Conclui-se que, para o discente, a eficácia do professor não está apenas no domínio do conteúdo, mas na capacidade didática de tornar esse conhecimento palpável e dinâmico. A interatividade deixa de ser um diferencial e passa ser uma exigência para a aprendizagem significativa na educação básica.



CAPÍTULO 5

ESPAÇOS NÃO FORMAIS E SUAS POSSIBILIDADES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Brendha Oliveira Leandro; Eduarda Raminy Moreno dos Santos; Gabriele Pereira dos Santos; Maria Luiza Santos Ferreira; Raissa Paixão dos Santos; Wesley Silva Santos

DOI: 10.29327/5768843.1-5

Neste capítulo, discutiremos o processo de ensino-aprendizagem para além da sala de aula. Vamos atravessar os muros das escolas e universidades, para mostrar para nossos estudantes e professores que existe um mundo vivo, dinâmico e bem interessante lá fora. Vamos adentrar nesse mundo e extrair tudo que for aprendível e ensinável de forma leve, interativa, participativa e colaborativa. Aqui, nos referimos aos espaços não formais como possibilidades de ensino-aprendizagem no contexto da Biologia. Acompanhe-nos, pois o mundo vivo nos espera lá fora.

5.1 Educação Formal, Informal e os Espaços Não Formais no Ensino de Ciências da Natureza

A educação formal corresponde às instituições educacionais regulamentadas por lei, como o ensino básico, médio e superior (Daniela Franco, 2008). Esse tipo de educação é estruturado e monitorado por dispositivos legais que garantem sua organização e funcionamento. Assim, sua formalidade não se limita ao espaço físico da sala de aula ou do laboratório, pois está associada ao conjunto de normas que orientam e validam o processo educativo.

Em contraste, a educação informal acontece em uma variedade de ambientes, que podem incluir tanto espaços institucionais, como museus, zoológicos e jardins, quanto espaços não institucionais, como praias, trilhas, cavernas, ruas e florestas. Nessa perspectiva, esses espaços podem ser aproveitados como importantes cenários de vivência, observação e construção espontânea de conhecimentos, pois possuem a capacidade de ampliar o repertório cultural e sensorial dos estudantes.

No Brasil, aproximadamente 80% da população vive em áreas urbanas, longe dos ambientes naturais que compõem grande parte da biodiversidade do país (Wilson, 2003). Esse distanciamento do mundo natural torna-se ainda mais evidente diante do intenso processo de urbanização. O Brasil é líder mundial em diversidade de plantas, primatas, anfíbios, peixes de água doce e uma impressionante variedade de insetos.

Essa riqueza faz com que seja necessário que o país assuma uma responsabilidade educacional em relação à preservação e conservação de espécies, ecossistemas e processos biológicos essenciais para a manutenção da vida no mundo, já que inúmeras espécies brasileiras se encontram em risco de extinção, conforme apontam Lewinsohn e Prado (2002), o que reforça a importância de iniciativas educativas que promovam maior aproximação entre a sociedade e o patrimônio natural.

Diante desse cenário, os espaços não formais tornam-se fundamentais para a formação das novas gerações. Ao proporcionar experiências diretas e práticas, esses ambientes tornam o aprendizado mais dinâmico e estimulante, favorecendo a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula e estabelecendo uma relação mais concreta com a realidade cotidiana do estudante. Hortas de plantas medicinais, por exemplo, desempenham importante papel ao integrar conhecimento científico, cultura local e saberes tradicionais. Ao visitar esses espaços, o aluno observa fenômenos naturais, reconhece elementos da própria cultura e estabelece vínculos com o ambiente ao seu redor.

O ensino de Ciências da natureza/Biologia é um grande desafio para os educadores e alunos, principalmente quando se trata da aprendizagem sobre botânica. Essa área costuma ser considerada difícil entre os estudantes. Para Tatsch et al. (2022), o ensino repleto de palavras complexas e conteudistas não possui um significado claro para eles. Por consequência disso, o aluno perde interesse e não absorve nem comprehende a importância desse tema. Em continuidade à ideia da autora, o ensino em espaços não

formais surge como possibilidade de aprendizagem mais atrativa, despertando a curiosidade neles, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1. Aula de campo em um espaço informal



Fonte: Arquivo pessoal

A aula de campo realizada nas praias de Ilhéus foi uma experiência essencial para o processo de aprendizagem, pois permitiu aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula da realidade observada no ambiente natural. A atividade envolveu a coleta de dados e a reflexão crítica sobre os impactos da interferência humana nos ecossistemas costeiros. Ao longo da vivência, discutimos a degradação ambiental provocada pelo descarte inadequado de lixo e pela contaminação das águas por esgoto, temas que, muitas vezes, são tratados de forma abstrata quando abordados apenas teoricamente, especialmente no que se refere à relação entre os animais e o ambiente.

Nesse sentido, a aula de campo reforçou a importância da teoria como base para a compreensão dos fenômenos observados, ao mesmo tempo em que tornou o aprendizado mais significativo e contextualizado. A experiência contribuiu para ampliar o pensamento crítico e fortalecer a consciência ética e cidadã dos participantes, evidenciando a necessidade de práticas voltadas à conservação e à preservação ambiental.

5.2 Educação, Território e Transformações Sociais

A compreensão dos processos educativos contemporâneos exige reconhecer que a aprendizagem ocorre para além dos limites tradicionais da escola. Além disso, é essencial

considerar que a sociedade está em constante transformação, e essas mudanças tornam evidente a necessidade de ampliar as formas de ensino, para a educação abordar as diferentes culturas, tecnologias e saberes existentes.

Nesse viés, é essencial saber que cada aluno carrega consigo uma trajetória única, e que o aprendizado seja eficaz, Bárbara Carine (2023), salienta que é necessário que o aluno se veja, porque onde ele não se vê, ele não pensa, não se projeta, por isso, a representatividade é tão importante. Conforme destaca Milton Santos, o território é um espaço dinâmico, em constante transformação, marcado pelas interações humanas e pelas mudanças sociais.

Nessa perspectiva, compreender o território como um elemento vivo implica reconhecer que os processos educativos não podem estar dissociados das realidades locais. Assim, a educação precisa dialogar com as dinâmicas do território, considerando suas especificidades sociais, culturais e ambientais, de modo a acompanhar as transformações da sociedade e tornar o ensino mais significativo e contextualizado.

Figura 2. Festival Quilombola



Fonte: Festival Quilombola Itacaré

Alunos de uma escola localizada na comunidade Quilombola de Itacaré-BA, realizando apresentação sobre a comunidade em que residem. Diante o exposto, o território não pode ser compreendido apenas como um espaço físico ou geográfico, mas como um espaço vivido, produzido historicamente pelas relações sociais, culturais e políticas que nele se estabelecem.

Milton Santos (1996) afirma que o território é resultado do uso que a sociedade faz dele, sendo marcado pelas práticas cotidianas, pelos conflitos e pelas formas de

organização social. Assim, as experiências construídas no território influenciam diretamente os modos de aprender, de ensinar e de produzir conhecimento, tornando indispensável que os processos educativos dialoguem com essas vivências.

Ao tratar especificamente dos territórios quilombolas, Nego Bispo (2015) destaca que o território é lugar de memória, ancestralidade e resistência, sendo indissociável da identidade dos povos que o habitam. Para o autor, o conhecimento produzido nesses espaços nasce da relação direta com a terra, com a coletividade e com a oralidade, configurando-se como um saber legítimo e fundamental. Incorporar essa compreensão ao processo educativo significa reconhecer que a escola não detém o monopólio do conhecimento e que os saberes territoriais precisam ser valorizados como parte constitutiva da aprendizagem.

Nesse sentido, reconhecer o território como elemento central da educação implica compreender que as transformações sociais — como as desigualdades históricas, o racismo estrutural e os processos de exclusão — atravessam a experiência escolar dos estudantes. Paulo Freire (1996) ressalta que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e à leitura de mundo que eles constroem a partir de sua realidade concreta. Desconsiderar essas dimensões reforça uma educação distante da vida dos sujeitos e pouco comprometida com a transformação social. A escola, portanto, ao se reconhecer como parte do território, amplia sua função social e política, passando a dialogar com a comunidade e com os saberes locais.

Arroyo (2014) aponta que os sujeitos populares carregam conhecimentos produzidos em suas lutas, em seus modos de viver e em suas territorialidades, e que esses saberes precisam ocupar espaço no currículo escolar. Essa aproximação fortalece uma educação mais democrática, que rompe com modelos homogêneos e excludentes de ensino.

Figura 3. Apresentação sobre os anciões da comunidade João Rodrigues



Fonte: Projeto Resistência e História Quilombola.

Alunos da Escola Reino da Alegria, localizada na comunidade Quilombola no município de Itacaré-BA, lendo a história dos mais velhos da comunidade em sala de aula. Pensar a educação a partir do território contribui para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas e críticas, capazes de problematizar as relações entre sociedade, natureza e cultura. Boaventura de Sousa Santos (2007) defende a ecologia de saberes como uma alternativa ao pensamento único, reconhecendo a coexistência entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais.

Essa perspectiva amplia o horizonte educativo, permitindo que diferentes formas de conhecer o mundo sejam legitimadas no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, compreender a educação como um processo territorializado é reconhecer que ensinar e aprender são práticas sociais, históricas e culturais. Conforme Nego Bispo (2015), o conhecimento só faz sentido quando está enraizado na vida e na experiência coletiva. Assim, ao dialogar com o território e acompanhar as transformações sociais, a educação torna-se mais significativa, crítica e comprometida com a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.

5.3 Cultura, Saberes Tradicionais e Educação em Espaços Não Formais

A integração entre diferentes ambientes educativos amplia o processo de ensino e aprendizagem, permitindo ao estudante o desenvolvimento de novas percepções sobre o

mundo natural e compreender sua relevância para a conservação ambiental e para a valorização das tradições populares. Assim, os espaços informais não apenas complementam, mas enriquecem a educação, tornando-a mais significativa, contextualizada e alinhada aos desafios contemporâneos.

Dessa forma, quando pensamos na educação hoje, é impossível ignorar que é necessário adaptações à sociedade. Parafraseando Milton Santos, o território é vivo e está sempre se transformando, e a educação também deve acompanhar essas transformações. Não se trata apenas de ensinar conteúdos de forma linear, mas de entender que o processo de aprendizagem precisa ser circular, abrangendo o máximo de possibilidades de ensino.

Ao incluir espaços não formais no aprendizado, a escola passa a valorizar os saberes e experiências existentes na nossa sociedade, tornando a educação mais rica, mais conectada e mais significativa. Ensinar exige a compreensão de que educar é um ato comunicativo que precisa considerar a realidade concreta do educando (Freire, 1996, p. 47). É nesse encontro que a educação se torna realmente transformadora, capaz de gerar novas percepções e novas formas de ver o mundo.

Nessa perspectiva, o uso de espaços não formais também favorece uma prática docente mais sensível às particularidades da turma, permitindo a adequação da linguagem pedagógica às vivências, faixas etárias e repertórios culturais dos estudantes. Essa atenção à realidade dos alunos torna o processo educativo mais próximo. Ao considerar esse vínculo, os espaços não formais se apresentam como ambientes privilegiados para reforçar a cultura social e valorizar as múltiplas identidades brasileiras. Elementos culturais de matriz indígena e africana, como práticas de manejo do solo, uso de plantas medicinais e formas tradicionais de interpretar a natureza, emergem como saberes legítimos e fundamentais para compreender a relação entre sociedade e ambiente.

Figura 4. Horta medicinal da UESC. Espaço não formal que ensina a importância das plantas não convencionais que se misturam com saberes tradicionais.



Fonte: Arquivo pessoal

Esta aula em questão elucidou justamente o quanto é importante criar um diálogo entre a ciência formal e os saberes tradicionais, como utilizar o uso de plantas, manejo local, validando o conhecimento da comunidade. Essas questões abordadas são fundamentais para a formação de uma discente com um senso crítico e engajado que reconhece o conhecimento além dos laboratórios, construindo um senso de pertencimento cultural e social.

Esses conhecimentos, quando reconhecidos no processo educativo, ampliam o olhar dos estudantes e ajudam a romper com visões limitadas da ciência. Brandão (2005) destaca que os saberes populares coexistem com o conhecimento científico e, quando valorizados, fortalecem o processo educativo. Candau (2008) também ressalta a importância da diversidade cultural para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. As manifestações do folclore, entendidas como narrativas, costumes e tradições transmitidas entre gerações, passam a integrar o processo educativo quando os estudantes vivenciam o território fora da sala de aula. Esse contato com histórias locais, festas populares e práticas comunitárias contribui para a compreensão de que a cultura brasileira é plural, viva e profundamente conectada ao ambiente natural.

Integrar esses elementos ao ensino de Biologia amplia a construção da cidadania e favorece uma compreensão crítica da relação entre seres humanos e natureza. Ensinar

não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Freire, 1996, p. 25).

A partir desse pensamento, o ensino é transformador para a comunidade quando essa relação é construída em conjunto e com o contexto cultural, e reconhecer essa diversidade no processo educativo fortalece a formação crítica e reflexiva. Dessa forma, o diálogo de saberes possibilitado pelos espaços não formais contribui para uma formação articulada. Por conseguinte, reconhecer a influência dos povos africanos e indígenas na formação cultural e histórica do Brasil é fundamental, e ao abordar esses temas em espaços não formais, como museus ou territórios tradicionais, permite com que discentes compreendam de forma mais próxima a diversidade que compõe o país.

Essa perspectiva dialoga com Milton Santos (1996), ao compreender o território como um espaço vivido, marcado por relações sociais, práticas culturais e experiências históricas. A convivência com elementos culturais, manifestações artísticas e modos de vida tradicionais possibilita uma aprendizagem mais contextualizada e sensível. Esses encontros contribuem para a desconstrução de estereótipos, fortalecem o respeito às identidades étnicas e estimulam uma postura crítica diante das desigualdades históricas enfrentadas por esses povos.

Diante do exposto, a cultura dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais e africanas ocupam um papel central na construção cultural brasileira. Para muitos desses povos, a religião está profundamente ligada à natureza e aos ancestrais, sendo expressa por meio de rituais, cantos, celebrações e símbolos sagrados. Abordar essas crenças em espaços não formais contribui para o combate à intolerância religiosa e amplia a compreensão dos discentes sobre a diversidade de espiritualidades existentes no país.

. Abdias do Nascimento (1980) enfatiza que, ao observar o movimento cultural dos quilombos, podemos utilizar de pedagogia inspirada no quilombismo, que enfatiza solidariedade, memória, territorialidade e protagonismo dos atores locais, desafiando formas escolares que reproduzem hierarquias raciais. Essa abordagem fortalece o respeito e a valorização das pluralidades, promovendo uma educação mais inclusiva e comprometida com os direitos culturais.

Vale ressaltar que esse compromisso com a valorização da diversidade cultural é sustentado pela legislação educacional brasileira, que reconhece a educação como um processo diretamente ligado aos contextos sociais e culturais dos educandos. A Lei nº

9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, reforça essa compreensão ao orientar práticas pedagógicas sensíveis às realidades dos estudantes. De forma mais específica, a Lei nº 10.639/2003, ampliada pela Lei nº 11.645/2008, torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena em todas as etapas da educação básica, evidenciando que a valorização desses saberes não é apenas uma escolha pedagógica, mas um compromisso educacional e social.

Nesse viés, a cultura brasileira, marcada pela pluralidade, é um recurso pedagógico potente quando inserida de forma intencional no processo de ensino. A valorização cultural fortalece o sentimento de pertencimento dos discentes, especialmente daqueles que se reconhecem nas manifestações culturais abordadas. Quando a escola apoia a inclusão de saberes populares e tradições regionais, promove uma educação mais inclusiva e próxima da realidade dos discentes, estimulando o respeito mútuo. Portanto, a abordagem da cultura em espaços não formais contribui para a preparação do discente, possibilitando que ele atue de forma consciente e respeitosa na sociedade. Assim, a escola cumpre seu papel na construção de cidadãos críticos e comprometidos com a diversidade cultural do país, ao reconhecer a cultura como parte essencial do processo educativo

Em suma, a utilização de espaços não formais e a valorização de saberes culturais tradicionais não se configuram apenas como estratégias metodológicas, mas como práticas educativas alinhadas às políticas públicas e às demandas sociais contemporâneas. Ao integrar cultura, território e educação, a escola contribui para o enfrentamento do racismo, da intolerância religiosa e das desigualdades históricas, promovendo uma formação cidadã fundamentada no respeito à diversidade cultural do país.



CAPÍTULO 6

PRIMEIROS PASSOS NO PLANEJAMENTO: DESCOBRINDO A DOCÊNCIA EM BIOLOGIA

Agnes Victória de Oliveira Santos; Ândria Conceição dos Reis; Armando Borges Pinto; Julia da Silva Naidé; Mayra Souza Rodrigues

DOI: 10.29327/5768843.1-6

A experiência docente demanda estudo, planejamento e capacidade de adaptação às situações reais de sala de aula. A proposta de elaboração de plano de aula, possibilita que os estudantes licenciandos vivenciem os desafios genuínos do cotidiano escolar, podendo compreender de forma abrangente o papel do professor como mediador.

As atividades desenvolvidas por grupos de licenciandos do I semestre em Biologia, foram marcadas pela junção entre teoria e prática, revelando o quanto a experiência docente demanda estudo, planejamento e capacidade de adaptação às situações reais de sala de aula. A proposta geral, de elaboração de plano de aula, possibilitou que os estudantes vivenciassem desafios genuínos do cotidiano escolar, podendo compreender abrangentemente o papel do professor como mediador.

6.1. Descobrindo conexões: o ensino de ecologia na formação docente

A ecologia é um componente curricular da Biologia, que se constitui como a ciência que analisa as interações entre os seres vivos e o ambiente em que estão inseridos. Para compreendê-la, é fundamental conhecer os fatores bióticos, elementos vivos como plantas, animais, fungos e microrganismos e os fatores abióticos, que englobam

componentes não vivos do ambiente, tais como condições físicas, químicas e climáticas. A interação entre esses fatores compõe a base dos estudos ecológicos e permite compreender como os organismos se organizam, se relacionam e se adaptam ao meio.

Nesse contexto, torna-se essencial entender os níveis de organização dos seres vivos. O organismo refere-se ao indivíduo; a espécie compreende o grupo capaz de se reproduzir gerando descendentes férteis; a população reúne indivíduos da mesma espécie coexistindo em uma área; a comunidade integra diversas populações; e o ecossistema abrange tanto os seres vivos quanto os componentes não vivos de um ambiente. Essa organização possibilita a existência das cadeias alimentares, entendidas como sequências lineares que demonstram o fluxo de energia e matéria entre produtores, consumidores e decompositores. Além disso, cada espécie ocupa um habitat, o espaço físico onde vive e desempenha funções ecológicas específicas em seu nicho, contribuindo para o equilíbrio ambiental.

A preservação da natureza, especialmente por meio de práticas como os sistemas agroflorestais, revela-se indispensável para manter a saúde ambiental. Esses sistemas integram árvores, cultivos agrícolas e criação de animais, unindo produção sustentável e conservação, refletindo uma abordagem que fortalece o entendimento da ecologia no cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, o plano de aula desenvolvido buscou trabalhar o tema Ecologia de forma dinâmica e significativa, relacionando o conteúdo à realidade dos estudantes. A metodologia adotada baseou-se em abordagens interativas, estimulando o protagonismo discente por meio de jogos digitais, dinâmicas em grupo, além do uso de slides explicativos. Os recursos didáticos incluíram dispositivos eletrônicos, projetor e materiais interativos. A avaliação ocorreu por meio de seminários em grupo, considerando domínio do conteúdo, criatividade, engajamento e postura em sala, complementada por observações sobre a participação qualitativa dos alunos.

Lidar com pessoas e suas diferentes opiniões mostrou-se um desafio constante, evidenciando que a prática docente exige preparo emocional, comunicação eficaz e flexibilidade. A experiência foi positiva, pois a turma correspondeu às expectativas, demonstrando empenho e participação ao longo das aulas ministradas. Críticas construtivas foram levantadas, contribuindo para o aperfeiçoamento coletivo e fortalecendo a identidade docente do grupo.

O processo de elaboração, organização e execução da aula envolveu estudo aprofundado, análise de materiais digitais e apoio de professores experientes. Os vídeos utilizados apresentavam desde fundamentos sobre objetivos de aprendizagem até exemplos práticos de metodologias aplicadas em sala. A apresentação digital funcionou como estrutura base para definir a ordem das atividades e organizar visualmente os conteúdos. Contudo, surgiram desafios como selecionar conceitos essenciais, definir a profundidade das explicações e adaptar a linguagem para torná-la acessível aos estudantes. Também houve dúvidas quanto à formatação do planejamento e à descrição adequada dos objetivos gerais e específicos, o que exigiu orientação docente. Esse apoio externo foi fundamental para aprimorar o trabalho e adequá-lo às exigências pedagógicas.

A execução da aula proporcionou aprendizados significativos, especialmente no que se refere à organização do tempo, domínio do conteúdo e necessidade de adaptação constante diante das reações dos estudantes. A prática revelou que a sala de aula nem sempre segue o planejamento idealizado, e que a flexibilidade é um elemento essencial. Perguntas inesperadas exigiram rapidez de pensamento e capacidade de reorganizar a explicação, evidenciando a necessidade de desenvolver maior segurança e clareza.

6.2. Microrganismos em foco: o ensino de Microbiologia e o universo de *The Last of Us*

Este trabalho apresenta um relato detalhado sobre o processo de elaboração, organização e execução de uma aula de ensino de Microbiologia, desenvolvida a partir de vídeos educativos, materiais digitais e do apoio de professores com experiência na área pedagógica. O planejamento teve início com o estudo cuidadoso dos vídeos, que abordavam desde fundamentos sobre objetivos de aprendizagem, organização das etapas de uma aula e tipos de metodologias, até exemplos práticos de como esses elementos podem ser aplicados em situações reais de sala de aula. A análise desses materiais permitiu compreender a importância do alinhamento entre conteúdo, metodologia e tempo de execução, além de oferecer uma visão mais clara sobre o papel do professor na condução do processo de ensino.

Em paralelo, a apresentação digital serviu como base estrutural para organizar visualmente cada momento da aula, facilitando a montagem de slides, a definição da ordem das atividades e a distribuição lógica dos conteúdos. No entanto, ao longo do

processo surgiram diversas dificuldades, como selecionar quais conceitos da Microbiologia eram realmente essenciais, decidir a profundidade adequada para cada etapa, adaptar a linguagem para torná-la acessível aos estudantes e elaborar atividades que fossem coerentes com os objetivos previamente definidos. Houve também dúvidas específicas sobre a formatação apropriada do planejamento, sobre como descrever corretamente os objetivos gerais e específicos e sobre como estruturar a metodologia de maneira consistente.

Diante desses desafios, tornou-se indispensável solicitar auxílio a professores experientes, que contribuíram revisando partes do planejamento, orientando sobre escolhas didáticas mais adequadas e esclarecendo dúvidas relacionadas tanto ao conteúdo quanto ao formato. Esse apoio externo foi fundamental para aprimorar o trabalho, ao permitir corrigir falhas, fortalecer a coerência interna do plano e compreender melhor as exigências pedagógicas envolvidas.

A execução da aula de Microbiologia trouxe aprendizados importantes, especialmente no que diz respeito à organização do tempo, ao domínio do conteúdo e à necessidade de flexibilidade diante das reações e dificuldades dos alunos, além de abordar de forma equilibrada os benefícios e malefícios associados aos microrganismos. Um exemplo marcante foi a utilização da cultura pop como recurso pedagógico: ao relacionar o fungo *Cordyceps*, que de fato infecta formigas, com a narrativa fictícia de *The Last of Us*, foi possível despertar o interesse dos estudantes e mostrar como a ciência pode dialogar com elementos do cotidiano e da mídia. Essa estratégia evidenciou a relevância de aproximar o ensino de Microbiologia da realidade dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e engajador.

Conclui-se que planejar e ministrar uma aula de Microbiologia é um processo complexo que exige estudo, análise crítica, preparação cuidadosa e, em muitos casos, colaboração com profissionais mais experientes. A integração entre materiais audiovisuais, ferramentas digitais, orientações docentes e referências culturais demonstrou-se essencial para construir uma prática pedagógica mais segura, estruturada e coerente. Além disso, o uso de exemplos como o *Cordyceps* e sua representação em *The Last of Us* reforça o potencial do ensino de Microbiologia em conectar ciência e cultura, ampliando a compreensão dos estudantes sobre o papel dos microrganismos na vida e na sociedade.

6.3. O mapa vivo do corpo: explorando territórios da anatomia

A apresentação “Anatomia da Bio”, que abordou anatomia humana e animal, reforçou ainda mais essas percepções. Embora o grupo tenha conseguido alcançar os objetivos propostos, o cansaço dos “alunos” reduziu a interação em determinados momentos. Ainda assim, houve participação efetiva de estudantes que contribuíram com perguntas e exemplos do cotidiano, enriquecendo o debate. A falta de tempo impediu a realização de atividades práticas, como o uso de modelos anatômicos 3D, mas a experiência consolidou a compreensão sobre o papel do professor e a importância de estratégias pedagógicas bem planejadas.

De modo geral, essa vivência evidenciou que planejar e ministrar aulas envolve estudo contínuo, análise criteriosa e preparo emocional. A construção do plano de aula organizou o pensamento pedagógico do grupo, enquanto a prática docente real mostrou que o ensino exige domínio de conteúdo, comunicação e capacidade de improviso. Apesar dos desafios, a experiência representou um passo decisivo na formação dos futuros docentes, fortalecendo sua autonomia, reflexão crítica e compromisso com uma prática educativa mais significativa e transformadora.

6.4. Evolução como eixo integrador do ensino de Biologia

Durante o processo de elaboração do plano de aula voltado para o ensino de Evolução, surgem diversos desafios essenciais para compreender, de forma mais concreta, a complexidade da prática docente. Por se tratar dos primeiros contatos com a docência, existe a necessidade de pesquisar profundamente o conteúdo de Evolução, selecionar as informações mais relevantes e refletir sobre como transformá-las em explicações claras e acessíveis para a turma. Esse processo exigiu não apenas estudo, mas também organização, tomadas de decisão e a construção coletiva de um planejamento coerente.

Ao longo da elaboração, tornou-se evidente que planejar uma aula de ensino de Evolução envolve muito mais do que simplesmente selecionar tópicos: é necessário pensar em estratégias metodológicas, prever possíveis dúvidas, antecipar dificuldades e estruturar uma sequência didática que favoreça a aprendizagem. Essa etapa proporcionou uma visão mais realista do papel do professor como mediador e da importância de

transformar conteúdos complexos, como os conceitos evolutivos, em experiências pedagógicas significativas.

No momento de ministrar a aula de ensino de Evolução, novos desafios se apresentaram e se mostraram igualmente importantes para a formação docente. Os colegas, atuando como “alunos”, fizeram perguntas variadas, muitas vezes inesperadas, o que exigiu rapidez de pensamento e capacidade de reorganizar a explicação sem perder o foco. Em alguns momentos, houve dificuldade para retomar o raciocínio após responder às intervenções, evidenciando a necessidade de desenvolver maior segurança, clareza e controle sobre o andamento da aula.

Ficou evidente também que a aula acabou sendo menos interativa e mais expositiva. Isso ocorreu, primeiramente, porque a formação inicial ainda leva à maior dependência da exposição do conteúdo como forma de manter o controle da situação. Além disso, o tempo reduzido proposto para a apresentação levou à opção por uma abordagem mais direta, já que não seria possível desenvolver atividades interativas mais longas sem comprometer a conclusão dos principais pontos do conteúdo de Evolução. Essa limitação temporal influenciou significativamente o formato final da aula, tornando a metodologia mais enxuta e centrada na explicação.

Apesar das dificuldades, a experiência com o ensino de Evolução mostrou-se extremamente enriquecedora. Foi possível observar, na prática, como a dinâmica da sala de aula difere do planejamento idealizado no papel e como a atuação diante de uma turma exige flexibilidade, preparo e capacidade de improviso. Tornou-se claro também o quanto é importante manter a calma diante de perguntas inesperadas e como a gestão do tempo influencia diretamente o desenvolvimento da aula.

6.5. Célula: a unidade básica da vida e do ensino de biologia

A citologia, no âmbito da Biologia, é considerada a porta de entrada para o conhecimento da vida, pois a célula constitui sua unidade fundamental. É essencial que, ao final da aula, o estudante seja capaz de compreender seus componentes e relacionar suas estruturas às respectivas funções. Desde as membranas celulares até as organelas, esse entendimento é indispensável para a interpretação de processos que serão aprofundados em componentes curriculares posteriores, como Fisiologia, Genética e Evolução.

Além disso, conhecer as diferenças entre células procarióticas e eucarióticas é crucial para compreender as diversas formas de organização dos seres vivos, incluindo bactérias, animais, plantas e até mesmo os vírus, que são acelulares. Cabe ainda destacar que a Biologia é uma ciência dinâmica, em constante transformação, o que exige do professor atualização contínua ao planejar suas aulas, trazendo informações novas e relevantes, como a recente descoberta do hemifusoma.

No que tange à experiência pessoal das integrantes da equipe responsável pela aula de "Citologia" na preparação e execução da aula programada, as primeiras impressões foram voltadas às dificuldades já citadas, enfrentadas pelos docentes na realização do trabalho. Em especial, destacou-se a adaptação do conteúdo para a série correspondente, que, no caso do grupo em questão, estava direcionada a discentes cursando o ensino médio (do primeiro ao segundo ano). O grupo sentiu um obstáculo no momento da simplificação da didática e da linguagem técnica do conteúdo, de modo que o público-alvo pudesse comprehendê-lo.

Juntamente a isso, houve a dificuldade em transformar o conteúdo em algo interativo, vista a natureza expositiva da temática abordada. Esse dado foi observado pelos avaliadores da aula e absorvido pela equipe avaliada. Dessa forma, as componentes da equipe programaram adotar formas de estimular a participação ativa dos estudantes em futuras experiências de ensino-aprendizagem.

Também foi observado, por parte dos avaliadores, um domínio do assunto abordado pelas integrantes. Entretanto, foi pontuada a maneira excessivamente expositiva da aula, tendo sido sugeridas futuras mudanças a esse respeito.

Considerações Finais

Diante dos desafios encontrados na formação de professores e em sua prática docente, principalmente na área de Biologia, é perceptível o distanciamento que existe entre a realidade da sala de aula e a realidade social dos estudantes. Esse distanciamento é fruto de uma série de fatores que vêm se perpetuando e sendo retroalimentados no espaço educacional. Alguns exemplos são: a evolução da sociedade moderna, a qual, os processos formativos e educativos não acompanham o desenvolvimento científico-tecnológico e nem suas demandas atuais; A compreensão de uma sociedade diversa, plural, heterogênea, constituída por diversos sujeitos políticos e múltiplos saberes,

também são aspectos que não têm sido contemplados de forma integral na educação, uma vez que o modelo hegemônico permanece firme e forte; a formação de professores pautadas em métodos e realidades do Século XX, principalmente o que tange o ensino tradicional e tecnicista, também é uma realidade bem comum nos dias atuais, carecendo de ser problematizada e ressignificada por ações político-pedagógicas emancipadoras e críticas; Consequentemente, a prática docente ainda está presa a perspectiva conteudista e de memorização, se aproximando da racionalidade técnica, algo que está sendo discutida amplamente e, às vezes, até sendo substituídas pelas metodologias ativas, o que por sua vez não tem dado muito certo, por carece de prática educativa crítico-reflexiva; Diante disso tudo, não podemos esquecer que a constituição de projeto educacional voltado para a precarização da educação, desvalorização do profissional docente, bem como para formação de seres acríticos e passivos está sendo implementado com efetividade no cenário atual; Segundo essa lógica, a formação de diretrizes, currículos e propostas pedagógicas que visam a formação de mão de obra barata para o mercado de trabalho, corroborando para perpetuação da sociedade classista, assimétrica e excluente, dentre outras questões que poderiam ser explicitadas aqui.

Essas discussões ficaram explícitas nos relatos dos estudantes e dos professores, evidenciando a necessidade urgente de repensarmos o modelo de educação que temos. Para isso, é necessário compreendermos que não devemos atribuir o fracasso da educação aos professores. Mas termos um entendimento holístico e crítico, que essas discussões são mais amplas, complexas, políticas e históricas. Como bem disse Darcy Ribeiro, o “fracasso” da educação brasileira é um projeto político muito bem arquitetado e implementado por meio de decisões políticas e interesses de classes dominantes. Esse projeto objetiva constituir uma sociedade acrítica para manter o modelo econômico que não exige alta qualificação, perpetuando assim as desigualdades e potencializando a privatização, em vez de investir em uma educação pública de qualidade, capaz de formar cidadãos críticos e protagonistas para a transformação da sociedade.

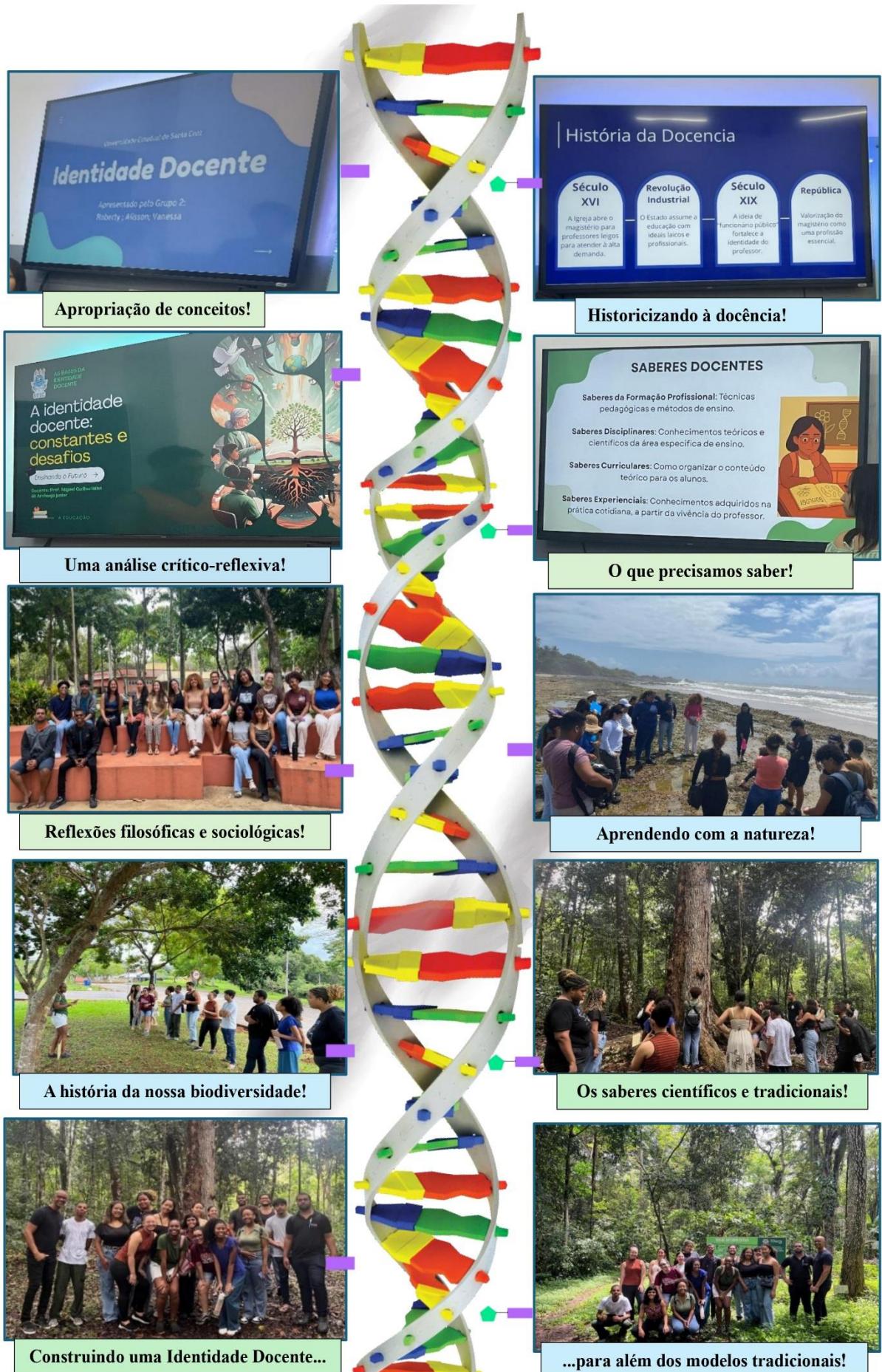
Assim, compreendemos que historicizar os processos educativos e formativos é fundamental para promover aos estudantes saberes ligados à constituição da educação brasileira, no sentido de que eles se apropriem de conhecimentos que, muitas das vezes, foram silenciados historicamente, como o contexto histórico sobre a formação e prática docente apresentado muito bem nos primeiros capítulos deste livro. Para além dos processos históricos, investigar e analisar as compreensões dos professores atuais, diante

das demandas da sociedade moderna, se torna fundamental para nos situarmos e analisarmos se estamos no caminho mais próximo daquilo que se espera da educação atual (acompanhar a modernidade e desenvolvimento científico-tecnológico, ao mesmo tempo entender que, precisa se sensibilizar que a sociedade é plural, que os saberes são múltiplos, que os conhecimentos científicos não são os únicos válidos, mas que os saberes populares, como os tradicionais precisam ser valorizados nos espaços escolares, sobretudo no ensino de Biologia).

Por fim, explicitamos que na construção da formação de professores, sobretudo de professores de Biologia, é necessária pautar em perspectivas: Dialógicas, a fim de superar a via de mão única transmissora que ainda se perpetua no espaço escolar; Problematisadoras, a fim de superar a passividade e verdade única que atravessam a sala de aula; Humanizadoras, a fim de superar a objetificação do ser; Plural, a fim de superar a homogeneização em sala de aula e promover a equidade; Emancipadora, a fim de superar os desafios sociais e torná-los protagonistas da sua própria história e transformadores da sociedade. Tudo isso é utópico? Sim. Mas precisamos desta utopia para seguirmos firmes e lutando e ressignificando a educação pública.

A seguir, apresentamos um pouco do caminho trilhado sobre a construção do professor de Biologia pautada em saberes múltiplos, diálogos entre distintos sujeitos, sem perder de vista a criticidade nos processos formativos e educativos.

A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA:
saberes, diálogos e criticidade



REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BISPO, A. (Nego Bispo). Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- BOTÂNICA NO INVERNO. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências, 2013. 210 p. Disponível em: https://www.academia.edu/42993975/Apostila_Botanica_no_Inverno. Acesso em: 13 dez. 2025.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARINE, B. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta, 2023.
- DIJNANE, I.; BENITES, L.; NETO, L. IDENTIDADE DOCENTE: AS VÁRIAS FACES DA CONSTITUIÇÃO DO SER PROFESSOR. **Revista Eletrônica de Educação**. V. 8. P. 273-292. São Paulo. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371709248>
- FESTIVAL QUILOMBOLA DE ITACARÉ (@festivalquilombolaitacare). *Festival Quilombola de Itacaré*. Instagram, 2025. Fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/festivalquilombolaitacare/>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARCELO, C. A IDENTIDADE DOCENTE: CONSTANTES E DESAFIOS. **Revista Brasileira De Pesquisa Sobre Formação Docente**. V. 1. P. 109-131. Belo Horizonte. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>

*A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA:
saberes, diálogos e criticidade*

MELLINI, C.; OVIGLI, D. IDENTIDADE DOCENTE: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE BIOLOGIA INICIANTES. Revista Ensaio. V. 22. Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/VmpN3GSctXLPB4kY3xF3TPB/?lang=pt>

LAGRAVENESE, R. Escritores da Liberdade (Freedom Writers). Roteiro: Richard LaGravenese. Música: Mark Isham. EUA: Paramount Pictures, 2007. Filme. 123 min. SANTOS, A.; SILVA, R. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NO BRASIL. **UNIVERSIDADE FEEVALE: XV Seminário Internacional de Educação.** V. 1. Rio Grande do Sul. www.feevale.br/seminarioeducacao

SOUZA, J.; DIAS, V. Uma Revisão Bibliográfica Sobre A Construção Da Identidade Docente No Programa Institucional De Bolsas De Iniciação À Docência Na Formação Inicial De Professores De Ciências E Biologia. **Ciência & Educação.** V. 28. Bahia. <https://doi.org/10.1590/1516-731320220023>

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, CP. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação?. Ciência & Educação (Bauru), v. 25, n. 3, p. 745–762, jul. 2019.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos CEBRAP, n. 79, 2007.

SILVA, M. A.; MIRANDA, T. G.; BORDA, M. A. G. O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares Entreideias: Revista de Educação, Salvador, v. 5, n. 2, p.

WEIR, P. (Diretor). A Sociedade dos Poetas Mortos (Dead Poets Society). Roteiro: Tom Schulman. Música: Maurice Jarre. EUA: Touchstone Pictures, 1989. Filme. 128 min.

PROJETO RESISTÊNCIA E HISTÓRIA QUILOMBOLA (@resistenciaehistoriaquilombola). *Atividades do projeto Resistência e História Quilombola.* Instagram, 2025. Fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/resistenciaehistoriaquilombola>



EDITORA
UNION

ISBN 978-658488556-1

A standard linear barcode representing the ISBN number 978-658488556-1.

9 786584 885561